



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais

Aplicadas – FATECS

**JÚLIA DO VALLE AZAMBUJA**

**REPRESENTAÇÃO DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EM MÍDIAS  
AUDIOVISUAIS**

Brasília

2016

**JÚLIA DO VALLE AZAMBUJA**

**REPRESENTAÇÃO DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EM MÍDIAS  
AUDIOVISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katrine Boaventura

Brasília

2016

**JÚLIA DO VALLE AZAMBUJA**

**REPRESENTAÇÃO DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EM MÍDIAS  
AUDIOVISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katrine Boaventura

Brasília, 10 de Junho de 2016

Banca examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katrine Boaventura

Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carolina Assunção

Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Úrsula Diesel

Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Ernesto e Fernanda, os responsáveis por tudo que tenho. Desde cedo eles buscaram me dar a melhor educação possível e me colocaram nas melhores escolas da cidade. Quando eu era criança e não gostava da escola, eles me ensinaram o valor de uma boa educação. Desde então, me esforço ao máximo para corresponder às expectativas deles, sempre tentando tirar notas boas, aprendendo coisas novas e, finalmente, obtendo um ensino superior. Obrigada por não me deixarem abandonar o curso por saberem a diferença que um diploma faz. Obrigada estarem sempre ao meu lado e buscando o melhor para mim, mesmo que às vezes eu não perceba isso de imediato.

Junto com meus pais agradeço também a minha irmã, Rebeca. Sei que tenho um temperamento difícil e que esse semestre foi ainda pior devido ao stress e nervosismo que me envolviam por causa deste trabalho. Beca, obrigada também por me deixar usar seu computador quando sei que você precisava e desculpa qualquer coisa. Obrigada aos três por me acalmarem em momentos de instabilidade emocional que tive durante esse período.

Agradeço também a todos os estudantes da “melhor turma de jornalismo que já existiu no Ceub. ” Em especial as minhas amigas Daniela Nogueira, Ana Louise, Tainá Arantes, Débora Quaresma, Maria Clara, Deborah Fortuna, Juliana Braz. Todas vocês estarão para sempre na minha memória e coração. Obrigada por me ajudarem a chegar até aqui e por participarem do meu processo de formação, sem vocês, o caminho seria bem mais complicado e muito menos divertido.

Não posso me esquecer de agradecer ao meu namorado, Eduardo. Obrigada por sempre se oferecer para me ajudar e por me aguentar nesse semestre. Obrigada por entender a importância desse trabalho e entender que nos falaríamos e que sairíamos menos neste semestre. Obrigada também por tentar me acalmar em momentos de ansiedade e raiva, e me desculpe qualquer grosseria.

E por último, mas mais importante, agradeço a todos os professores que já tive, em especial minha orientadora Katrine. Sem vocês nada disso seria possível. Obrigada mestres, por me ensinarem praticamente tudo que sei. Obrigada por me ensinarem não só conteúdos, mas por me ensinarem a ser uma pessoa e uma jornalista melhor. Tentarei honrar vocês sendo a melhor profissional possível. Todos aqui os citados participaram dessa conquista, e serei eternamente grata a vocês.

## RESUMO

Neste trabalho foi feita uma análise da representação dos transgêneros em três peças audiovisuais. O objetivo principal do trabalho é analisar como os três vídeos buscaram romper com o discurso padrão da mídia em relação ao grupo T, ou seja, como eles conseguiram desvincular travestis e transexuais do mundo da prostituição e violência, e mostraram a realidade sobre o universo trans. Antes da análise, foi feita uma contextualização do assunto de transexualidade, em que foi explicado os conceitos de identidade de gênero e redesignação de sexo, ainda muito desconhecidos pela maioria da sociedade. Além disso, foram aplicados os conhecimentos de Moscovici sobre representações sociais, para entender o que os transgêneros representam e como essa representação errada pode mudar. O tipo de análise feita neste trabalho foi a análise de conteúdo de Laurence Bardin. O trabalho se direciona a todos aqueles que se interessam pela luta de direitos das minorias sociais.

**Palavras-chave:** Transgêneros; Representação; Transexualidade, Mídia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 MÍDIA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 CONCEITO DE IDENTIDADE E SUAS VERTENTES .....</b>	<b>10</b>
2.1.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE.....	10
2.1.2 IDENTIDADES DE GÊNERO OU SEXUAL E PAPEL DE GÊNERO .....	11
<b>2.2 O MUNDO TRANSGÊNERO .....</b>	<b>14</b>
2.2.1 TRANSGÊNEROS: TRANSEXUALIDADE E TRAVESTISMO.....	14
2.2.2 CIRURGIA DE MUDANÇA DE SEXO E REDESIGNAÇÃO SEXUAL.....	18
2.2.3 PRECONCEITO E INCLUSÃO SOCIAL.....	22
2.2.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	25
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO .....</b>	<b>27</b>
<b>4 ANÁLISE .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1 PRÉ-ANÁLISE E SELEÇÃO DE UNIDADES DE ANÁLISE.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2 ANÁLISE DA REPORTAGEM: TRANSEXUALIDADE – EDIÇÃO 18/11/2014</b> .....	<b>31</b>
<b>4.3 PROPAGANDA - L'ORÉAL PARIS - TODA MULHER VALE MUITO –</b> <b>VEICULADA DIA 08/03/2016 .....</b>	<b>41</b>
<b>4.4 VÍDEO DO YOUTUBE: TRAVESTIS NA TV - SAUNA JUSTA: TRAVESTIS E</b> <b>TRANSEXUAIS (PARTE 2) – VEICULADO DIA 13/08/2015.....</b>	<b>42</b>
<b>4.5 RELAÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS E A MUDANÇA NO</b> <b>DISCURSO .....</b>	<b>45</b>
<b>4.6 ANÁLISE DE ETAPAS QUE FORMAM AS NARRATIVAS ESCOLHIDAS... 47</b>	
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE A - PROPAGANDA DA L'OREAL PARIS PARA O DIA DAS</b> <b>MULHERES NO ANO DE 2016 .....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE B - REPORTAGEM DO PROFISSÃO REPÓRTER 18-11-2014 –</b> <b>TRANSEXUALIDADE .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE C - VÍDEO DO CANAL DO YOUTUBE PÔE NA RODA -13-08-2015 .. 76</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

A inspiração para esta monografia surgiu no ano de 2015, após uma matéria escrita para o *Jornal Esquina* sobre o cotidiano dos transexuais e travestis. Foram entrevistados seis transgêneros de cinco estados brasileiros diferentes e todos eles afirmaram que o preconceito faz parte de seu dia a dia. Eles explicaram que o preconceito fecha praticamente todas as portas para as pessoas transexuais, que são vistas como exóticas e erradas.

Como estudante de jornalismo refleti sobre o quanto a visão de uma sociedade passa pelo que é transmitido pela mídia, e que de alguma forma os meios de comunicação têm uma parcela de culpa pelo modo como a sociedade enxerga os transexuais e travestis. Ao pesquisar sobre o assunto percebi que a TV aberta aceita estereótipos e a propagação de conceitos Lesbo-Homo-Transfóbicos. Programas de entretenimento, novelas, propagandas e o jornalismo apresentam os transexuais e travestis quase sempre da maneira errada e reforçam os estereótipos que cercam esse grupo.

Foi observado que o tratamento da mídia dado aos transgêneros ainda é insuficiente, desigual e parcial, com silenciamento de vítimas, abordagens repetitivas e superficiais. Desta forma, verifica-se a necessidade de maiores discussões acerca do papel da imprensa, em especial dos materiais exibidos em canais abertos no Brasil, ao abordar questões envolvendo a representação do grupo T.

A mídia deve ser um espaço democrático, ou seja, todos os membros da sociedade devem ter voz e representação de maneira equilibrada e igualitária, não importando o sexo, cor, religião, classe social. Entretanto, o DNA conservador da grande mídia impossibilita que isso se concretize na prática.

Mas não podemos negar que passos têm sido dados, inclusive na mídia tradicional, para retratar transexuais de maneira menos estigmatizada. Reportagens denunciando preconceitos e dificuldades vividos por essa parte da população, ou desmistificando essa figura ainda vista como estranha por grande parte da sociedade. Pesquisei, então, uma reportagem, uma propaganda e um vídeo de entretenimento que tentaram exercer seu papel e transmitir a realidade sobre quem

são os transgêneros e todo seu universo. Foram selecionados três materiais audiovisuais que tentaram em sua essência mostrar como realmente vivem os integrantes do grupo T, quais são as maiores dificuldades que estes enfrentam, o que eles já conquistaram perante uma sociedade preconceituosa, o que ainda falta alcançar, e acima de tudo que tentaram mudar o discurso midiático para mostrar os trans como semelhantes.

Dentro desse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a representação de transexuais e travestis nessas três peças audiovisuais e buscar investigar como elas conseguiram romper com o discurso padrão da mídia em relação ao grupo T. Dentre os objetivos específicos, podemos listar:

1. Explicar o que é identidade de gênero e papel de gênero.
2. Analisar a diferença entre transexuais e travestis.
3. Analisar a maneira como a mídia vem abordando o assunto de sexualidade.
4. Analisar como a maioria da grande mídia representa os transexuais e travestis.
5. Analisar de quais formas os programas escolhidos se diferenciam da maioria dos produtos audiovisuais sobre os transgêneros.

A presente pesquisa está organizada da seguinte forma: primeiro será discutido o conceito de identidade na modernidade e o que vem a ser identidade de gênero. Depois, percorreremos o estudo sobre a transexualidade, explicando as diferenças entre os termos transexual e travesti, o processo de redesignação sexual, e o que vem a ser representação social. Após, teremos uma análise de conteúdo para entender o que os produtos audiovisuais buscaram transmitir para os telespectadores, e qual o público alvo eles buscaram atingir. Em seguida foi feita uma análise em que foi estabelecida uma relação entre os três vídeos, em que foi identificada a presença de pontos que mudaram o discurso sobre os transgêneros nos três vídeos e, conseqüentemente, a representação deles na mídia. Também foi feita uma análise das etapas que constituem as narrativas, em que foram analisadas as imagens, a relação entre a imagem e o texto e explicitada a importância da edição final.



## 2 MÍDIA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Se observarmos atentamente os veículos de comunicação e produtos da indústria cultural é possível constatar que a representação feita de forma incorreta é um fator que atinge muitas classes da nossa sociedade que não se enquadram no padrão branco, hétero, magro, cis, homem e rico. Personagens caricaturados, seja em filmes ou novelas, seja em reportagens ou propagandas, estão presentes na mídia e transmitem a ideia equivocada de representação plural. Mulheres, homossexuais, negros e principalmente transexuais e travestis são os que mais sofrem com representações generalistas e preconceituosas.

Quando as identidades trans são abordadas na mídia de entretenimento, como personagens de destaque, o que normalmente assistimos são homens, cisgêneros, travestidos. Se avançarmos ao jornalismo, o desconhecimento destas identidades também pode ser observado.

Na mídia, não é raro vermos as pessoas trans terem seu gênero definido por seu sexo biológico e não serem tratadas por seu nome social. O humor está quase sempre presente, somado a um jornalismo que se mostra ser frequentemente desrespeitoso com as pessoas trans. Fazer piadas com a orientação sexual alheia ou com as pessoas que assumem ter o gênero diferenciado do sexo biológico é comum em programas considerados de humor.

Nas telenovelas a representação também não é feita de maneira correta. Não é de hoje que pessoas trans chamam a atenção do público em telenovelas. O número de tramas com personagens transexuais aumentou bastante nos últimos anos. Em um primeiro instante, essa representatividade parece positiva, pois transexuais estão presentes no horário nobre da televisão e mostram para a sociedade que existem muitos indivíduos que não se identificam com o gênero correspondente ao seu sexo biológico. O problema está em como essas personagens transexuais são representadas, quase sempre da mesma maneira e de forma extremamente rasa: com muita maquiagem no rosto, adeptas ao salto alto e à purpurina, alegres e escandalosas. São personagens que estão na trama com a finalidade de provocar riso na audiência e não de mostrar a luta de uma classe com os problemas atrelados à não-identificação com seu corpo vistos como graves, tratados às vezes como doentes pelos demais setores preconceituosos e com pouca empatia da sociedade.

Além disso, os personagens trans quase sempre são interpretados por homens cisgêneros e heterossexuais, encontrar atores transexuais é exceção.

Também não é raro, em programas de humor, vermos testes para identificar quem das modelos são mulheres “de verdade”, expondo travestis e transexuais ao ridículo e pisoteando sua feminilidade. O uso de palavras depreciadoras para se referir a transexuais e travestis também está presente em programas humorísticos, a mais conhecida delas é “traveco”.

Já a cobertura jornalística se volta para os crimes e atos de origem transfóbica que ocorrem nas cidades brasileiras. Muitas vezes, a notícia acaba criando debates sobre agressões a transexuais. Porém, embora encontre espaço nos veículos, o tema ainda não faz parte da agenda cotidiana dos meios de comunicação - salvo em situações como a Parada Gay, em São Paulo, os ataques a transexuais e travestis nas grandes cidades, em reportagens sobre prostituição ou, ainda, declarações de políticos e famosos. Além disso, o gênero com o qual a pessoa trans se identifica não é respeitado em uma matéria que fale dessa pessoa. Uma travesti, que biologicamente possui o sexo masculino mas para si pertence ao gênero feminino, é tratada como “o travesti” pelos jornais, quando o correto, e mais respeitoso, deveria ser “a travesti”.

As transexuais e travestis também ocupam em geral um nível baixo na hierarquia das fontes entrevistadas. Elas são fontes por vezes ignoradas, não somente no sentido de não serem ouvidas, mas no sentido de não serem levadas a sério. As palavras de uma trans ganham menos credibilidade dentro das reportagens que as de uma pessoa que não pertence a esse grupo.

## **2.1 CONCEITO DE IDENTIDADE E SUAS VERTENTES**

### **2.1.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE**

Stuart Hall (2014, p. 9) afirma que “[...] as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. Ele explica que o sujeito que antes era visto tendo uma identidade unificada, fixa, estável e permanente, agora é composto “[...] não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias

ou não resolvidas” (HALL, 2014, p. 11). É por causa dessa grande multiplicidade de identidades que, segundo Hall, “[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2014, p. 12), com as quais se identifica, ao menos temporariamente. Ele afirma que as sociedades modernas do final do século XX estão se transformando e que os conceitos de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão se fragmentando e não são mais tão sólidos como já foram no passado (HALL, 2014, p. 10).

Além dessa fragmentação, a sociedade pós-moderna é caracterizada, segundo Ana Paula Peres (2001), por ser estruturada com base na dicotomia da personalidade limitada ao sexo, o que, para Peres, espalha incertezas e temor quanto à questão sexual.

Essa confusão atinge não só os indivíduos inadaptados ao papel social definido, mas, também, aqueles, adaptados ao modelo cultural, pois a presença dos primeiros perturba estes últimos, na medida em que as conexões sociais artificialmente estabelecidas entre o sexo e o papel social, criando dúvidas a respeito da sua própria sexualidade (PERES, 2001, p. 29).

A partir desse contexto, de todas as mudanças significativas ocorridas na pós-modernidade, Peres destaca a conduta sexual. Ela argumenta que, a partir da Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres começaram a trabalhar fora do lar, quando se descobriu a pílula anticoncepcional e quando alguns valores morais foram à falência, o sexo deixa de ser somente reprodutivo e variações sexuais começam a surgir (PERES, 2001, p. 58). Essas variedades sexuais perturbam aqueles mais conservadores, que se cercam com preconceitos e isolam os que possuem um comportamento considerado “anormal”, “entre os bens que compõem a identidade humana, o aspecto sexual, é sem sombra de dúvida, um dos mais delicados e polêmicos” (CHOERI, 2004, p. 51).

### 2.1.2 IDENTIDADES DE GÊNERO OU SEXUAL E PAPEL DE GÊNERO

Das várias configurações que a identidade pós-moderna pode assumir, duas são de suma importância para a elaboração deste trabalho: sexo e gênero. É a partir desses dois conceitos que nascem as definições de identidade de gênero ou sexual. Mas antes de tratarmos dessas identidades é necessário explicar seus conceitos

base. Embora gênero e sexo sejam conceitos próximos e relacionados, não são idênticos. Choeri faz a seguinte diferenciação:

Essa linha de pensamento surgiu, a partir da década de 60, pela voz dos movimentos feministas, quando da formulação teórica da distinção entre sexo e gênero, amplamente incorporada pelos estudos sociológicos. Enquanto o primeiro tem natureza biológica, isto é, o sexo é uma condição prescrita biologicamente ao indivíduo, o segundo deflui de uma visão cultural e psicossocial da conduta sexual, isto é, o gênero é uma identidade socialmente construída, à qual os indivíduos se conformam em maior ou menor grau (CHOERI, 2004, p. 53).

Robert J. Stoller (2006, p.28) define o conceito de gênero como sendo um estado psicológico de masculinidade ou feminilidade, em que “[...] a masculinidade combine com a qualidade de ser homem e a feminilidade com a qualidade de ser mulher”. Tal estado é determinado e reproduzido nas instituições sociais, como a família, a escola, a igreja, o trabalho, portanto não são verdades absolutas, ou seja, se modifica quando as sociedades sofrem mudanças.

Para explicar mais sobre o que é o sexo, Jean Claude Nahoum (1997, apud PERES, 2001), define sexo como um conceito pluridimensional. Para Nahoum, o sexo pode ser genético, gonádico, somático, legal ou civil, de criação e psicossocial (PERES, 2001, p. 68). Das seis definições, duas são importantes para que se entendam as questões de identidade de gênero ou sexual, são elas o sexo gonádico e o sexo psicossocial. O sexo gonádico é assim chamado, pois se refere a gônadas masculinas (testículos) ou femininas (ovários) (PERES, 2001, p. 71). É a partir das gônadas que se distingue anatomicamente o macho da fêmea. Quanto ao sexo psicossocial, Peres explica a terminologia proposta por Nahoum da seguinte forma: a percepção do indivíduo de si mesmo, como homem ou como mulher, a partir de “[...] interações genéticas, fisiológicas e psicológicas que se formaram dentro de uma determinada atmosfera sociocultural” (2001, p.85), ou seja, o sexo psicossocial se manifestará por meio da identidade de gênero de cada pessoa (PERES, 2001, p. 86). Mas neste ponto cabe explicar o que viria a ser essa identidade de gênero ou sexual.

Antes de analisar esses conceitos é necessário destacar que identidade de gênero e identidade sexual possuem o mesmo significado, visto que muitos dos

autores citados neste trabalho tratam os termos como sinônimos. Dito isso, podemos analisar tais conceitos e sua importância.

Stoller (2006) foi o primeiro a estudar o tema, e criou o termo “identidade de gênero” para rotular os “[...] diferentes graus de masculinidade e feminilidade que podem ser encontrados em cada pessoa.” (2006, p. 21). A partir disso, Peres define identidade de gênero como sendo a tradução de um sentimento dos indivíduos quanto à sua identificação como homem ou mulher. Isso se deve à estrutura da sociedade que concebe o sexo de forma dicotômica, ou seja, existe uma tendência de classificar tudo e todos como sendo masculino ou feminino, não possuindo espaço para o que não se adaptam nessas categorias (PERES, 2001, p.91). Peres ainda faz uma segunda constatação acerca da identidade de gênero, onde explica que este tipo de identidade não é algo inato, ou seja, “[...] como se o indivíduo nascesse com o sentimento de pertencer a um dos dois sexos” (PERES, 2001, p.94). Para ela, é uma reunião de diversos fatores, como genitália externa, qualidade em um relacionamento parental, capacidade cognitiva, que serão os responsáveis pela formação da identidade sexual (PERES, 2001, p.94).

Essas características da identidade de gênero de Peres assemelham-se ao conceito de identidade sexual de Choeri (2004). Ele apresenta a identidade sexual como tendo duas vertentes - a biológica e a psicossocial - em que “[...] com a primeira se identificam os caracteres genéticos, anatômicos e fisiológicos, e com a segunda, os conteúdos psíquicos que delineiam o comportamento social de cada um” (CHOERI, 2005, p.51). Maria do Carmo Silva (1997 apud PERES, 2001, p. 90-91) resume o que vem a ser identidade de gênero quando afirma:

A identidade sexual ou de gênero é um conceito extremamente complexo, composto por componentes conscientes e inconscientes. Possuindo elementos altamente associados ao sexo a que se pertence e às características estabelecidas pela estrutura social a cada gênero. Assim a ideia de gênero não é um constructo mental unitário, pois grande número de diferentes componentes estruturados em diversas épocas do desenvolvimento e advindos de várias influências formarão a composição final do que se convencionou chamar de identidade de gênero (SILVA, 1997 apud PERES, 2001, p. 90-91).

Entendido o conceito de identidade de gênero ou sexual, é necessário destacar outro termo, até para que não se faça confusão. Este é conhecido como papel de gênero ou papel sócio-sexual. Os papéis de gênero são o conjunto de

expectativas socialmente atribuídas e construídas para cada indivíduo. Peres define papel de gênero como a

[...] formação do comportamento masculino ou feminino em decorrência do ambiente sociocultural no qual o indivíduo está inserido. Ela refere-se à atuação comportamental da pessoa no papel de homem ou mulher, segundo os moldes preestabelecidos pela família e sociedade (PERES, 2001, p.102).

Quanto à diferenciação entre identidade de gênero e papel de gênero, Peres define da seguinte forma:

Enquanto a identidade de gênero está relacionada com uma questão sentimental, como o indivíduo se sente em relação a sua identidade sexual, o papel de gênero diz respeito à colocação em prática da aprendizagem recebida e tem por objetivo não apenas encenar o papel sócio-sexual como também exteriorizar e retratar a identidade sexual do indivíduo (PERES, 2001, p. 102).

Entendidos os conceitos de identidade de gênero e papel de gênero explicaremos a seguir o universo transgênero e o que o cerca.

## **2.2 O MUNDO TRANSGÊNERO**

### **2.2.1 TRANSGÊNEROS: TRANSEXUALIDADE E TRAVESTISMO**

Primeiramente, é necessário explicar o estereótipo do que vem a ser um “indivíduo normal”, de acordo com as sociedades ocidentais, quando se fala em sexualidade. Peres (2001) argumenta que “o quadro de normalidade sexual aparece quando os fatores biológicos estão em harmonia com os psicológicos e sociais”:

É o que ocorre com o indivíduo que possui as características orgânicas do sexo masculino, que desenvolve uma identidade de gênero e que desempenha um papel sexual, o qual segue essa mesma orientação. Nesses casos, há uma sincronia entre esses diversos fatores. Entre nós, o protótipo da normalidade está presente no indivíduo heterossexual (PERES, 2001. p.106).

O universo transgênero pode ser entendido dentro dos estudos de gênero, papéis de gênero e principalmente identidade de gênero, mas por si só é um universo singular que contém diversas denominações e diferenciações, como,

por exemplo, travestis, transexuais, entre outros. Nesse tópico explicaremos as diferenças entre algumas dessas denominações.

De acordo com Vieira, para o Manual de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde 10 Revisão (CID-10), publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS), a transexualidade e o travestismo bivalente são considerados transtornos de identidade sexual e encontram-se na categoria Transtornos Mentais e Comportamentais. Na CID-10 ainda aparece o travestismo fetichista, como um Transtorno da Preferência Sexual (VIEIRA, 2012, p. 287). A OMS ainda trata a transexualidade como patologia, e por conta disso, médicos e juristas ainda usam a terminologia “transexualismo”. Tal terminologia perturba os transgêneros, pois o sufixo “ismo” indica doença, o que torna o discurso preconceituoso. Dito isso, podemos diferenciar os tipos transgêneros.

Começaremos explicando a transexualidade. Transexual é o indivíduo que se identifica como pertencente ao sexo oposto, e sua identidade de gênero não está de acordo com o sexo que lhe foi atribuído na certidão de nascimento. Além disso, o transexual é frustrado com seu sexo biológico e possui o desejo de realizar uma cirurgia para que seja feita uma alteração sexual permanente. José Carlos Gracia (2001) dá a definição de transexualidade segundo a Organização Mundial da Saúde:

Um desejo de viver e ser aceito como um membro do sexo oposto, usualmente acompanhado por uma sensação de desconforto ou impropriedade de seu próprio sexo anatômico e um desejo de se submeter a tratamento hormonal ou cirurgia para tomar seu corpo tão congruente quanto possível com o sexo preferido (2001, p. 69).

Apesar de ser tratado como um transtorno mental e comportamental pela OMS, Peres afirma que a transexualidade não deve ser considerada uma doença mental, muito pelo contrário, ela afirma que o que é peculiar no transexual é sua plena lucidez, ou seja, “[...] não sofre de qualquer desordem psicótica primária da personalidade” (2001, p. 126).

É necessário destacar que pessoas transexuais não são consideradas homossexuais. Inclusive, o termo transexual foi adotado para distingui-lo do homossexual. Dr. Pauly (1979, apud Peres, 2001, p. 107) faz a seguinte diferenciação:

Os transexuais não são homossexuais. Consideram-se membros do sexo oposto e se sentem amaldiçoados pelo aparato sexual errado. Desejam a mudança desse aparato e, além disso, assistência cirúrgica para que possam participar das relações heterossexuais. Ao contrário, um homossexual gosta e utiliza da sua genitália com os membros de seu próprio sexo anatômico (Dr. Pauly, 1979, apud Peres, 2001, p. 107).

Stoller (2006) classifica os transexuais em três grupos diferentes: os transexuais homens primários, os transexuais homens secundários e as mulheres transexuais. Os transexuais homens primários são aqueles que “[...] sabem que biologicamente são homens, mas desde de cedo em suas vidas diziam abertamente que queriam mudar seus corpos para um corpo de mulher.”(STOLLER, 2006, p. 40). Estes foram femininos por toda sua vida, sem episódios de masculinidade, ou mesmo comportamentos transitórios, com papéis tipicamente masculinos, por isso o termo primário. Peres descreve os transexuais primários como sendo os “verdadeiros transexuais”.

Já os transexuais secundários oscilam entre a homossexualidade e o travestismo, tendo seu impulso transexual considerado “temporário”. Stoller explica que esses transexuais possuem uma história diferente daqueles considerados transexuais primários, pois quando crianças não possuíam um comportamento de gênero cruzado, muitas vezes tendo um comportamento masculino comum, e já tiveram experiências de prazer com os genitais masculinos (STOLLER, 2006, p. 41). Fazem parte desse grupo, por exemplo, homens homossexuais afeminados que acham que seriam melhores se fossem mulheres, e travestis que se sentem mulheres por se vestirem com roupas femininas.

A mulher transexual pode ser comparada ao transexual homem primário, pois desde de sua infância possui comportamentos masculinos, que não são interrompidos em nenhum momento de sua vida, por episódios de comportamentos ou interesses femininos (STOLLER, 2006, p. 41). Stoller explica que este grupo não deve ser dividido em primário e secundário, como os homens, mas sim em um grupo de mulheres muito masculinas que formam o ponto extremo de um contínuo de homossexualidade masculina (STOLLER, 2006, p. 42).



O segundo grupo transgênero a ser analisado são os travestis. Esses são os indivíduos que trajam roupas do sexo oposto. Peres (2001) explica que “[...] os travestis desempenham os papéis sociais de forma alterada, pois ora são homens, ora são mulheres. Dessa forma, acabam, algumas vezes, mantendo uma vida dupla” (PERES, 2001, p. 122). O travesti, diferentemente do transexual, não possui qualquer aversão ao seu sexo biológico, tanto que se reconhecem como homens ou mulheres, o que mostra a conformidade que possuem com seu sexo genital externo. (PERES, 2001, p. 122). Os travestis, assim como os transexuais, são divididos em mais de um grupo: o fetichista e o bivalente.

O primeiro é considerado um transtorno de preferência sexual em que o indivíduo usa vestimentas do sexo oposto com o objetivo de ter excitação sexual, até que haja orgasmo. O segundo é classificado como transtorno de identidade sexual, e acontece quando o indivíduo veste roupas do sexo oposto por um período de sua vida, seja ele longo ou curto, para satisfazer sua vontade, temporária, de pertencer ao sexo oposto, mas sem o desejo de uma intervenção cirúrgica para que seja feita uma mudança de sexo. Além disso, esses travestis não possuem qualquer excitação sexual ao se vestirem com roupas do sexo oposto (CHOERI, 2004, p. 93).

Apesar de possuírem características semelhantes, travestis e transexuais não podem ser considerados iguais, é possível observar notórias diferenças entre os dois. Stoller (1975, p. 181-182) cita seis pontos que distinguem um travesti de um transexual, são eles:

1. O travesti aprecia seu aparato genital. Este toma hormônios com a finalidade de fazer seus seios crescerem, mas a quantidade de hormônio ingerida é controlada para que ele não perca sua excitação sexual induzida por roupas do sexo oposto.
2. Embora o travesti não viva mais como um homem, devido a sua vida dupla, persistem nele certas qualidades masculinas. Quando necessário, com certo esforço, ele pode ser masculino, como por exemplo, ao telefone e até publicamente.
3. Os travestis acham seus corpos sexualmente excitantes, não se sentem incomodados com seu sexo biológico.

4. Ocasionalmente, os travestis imaginam-se possuindo outro sexo anatômico, mas por ter “tentado” tais transformações em fantasia, não deseja se submeter a tais “mutilações”.

5. O travesti não considera seu corpo do gênero feminino. Não se sente como uma psique feminina presa em um corpo masculino.

6. O travesti não passa um dia sem uma encenação, ou seja, engana as pessoas ao fazê-las pensar que é uma mulher, mas se revela como homem. A genitália masculina por debaixo das roupas femininas, deve de alguma forma, indiretamente, ser revelada.

As identidades transgêneras de destaque neste trabalho são transexuais e travestis, mas vale ressaltar que existem outras. Também são considerados transgêneros as dragqueens, transformistas e *codedressers* que, de certa forma, fazem uso de performances femininas, vestimentas e maquiagens, algumas vezes de forma exagerada, para incorporar uma aparência feminina.

### 2.2.2 CIRURGIA DE MUDANÇA DE SEXO E REDESIGNAÇÃO SEXUAL

O transexual, como já vimos, deseja adaptar a aparência, de todas as formas possíveis, ao seu sexo psicossocial. Matilde Sutter (1993) afirma que um tratamento psicoterápico, que visa reconduzir o transexual ao sexo anatômico, se mostra ineficaz, pois ele se ofende e se revolta quando tal tratamento lhe é indicado. Nesse contexto, Sutter afirma que o transexual procura outras alternativas para adaptar o corpo ao sexo psicológico, como tratamentos hormonais e cirúrgicos, se lhe faltam recursos, recorre à automutilação e até mesmo ao suicídio. Essas mutilações, em geral são praticadas por homens, uma vez que os transexuais femininos não tentam retirar as mamas ou fechar a abertura vaginal, devido à complexidade do procedimento (SUTTER, 1993, p. 119).

Desta forma, Roberto Farina (1892 apud SUTTER, 1993) argumenta que a cirurgia de transgenitalização é a única solução capaz de reajustar o indivíduo, uma vez que os transexuais passariam a ter o sexo biológico de acordo com o sexo psicossocial. Esse tipo de cirurgia é chamada de cirurgia de mudança de sexo ou redesignação de sexo.

Choeri (2004) lembra que tal cirurgia não muda o

[...] sexo genético, definido pelo padrão XX para as mulheres e XY para os homens, pois este é inalterável, em verdade, a cirurgia de transgenitalização é a transformação plástico-reconstrutiva da genitália externa e dos caracteres sexuais secundários do indivíduo (CHOERI, 2004, p. 118).

Choeri destaca que as técnicas cirúrgicas e os tratamentos hormonais têm se mostrado cada vez mais avançados, possibilitando consideráveis mudanças estéticas no corpo físico. Mas, por ser um procedimento com cada vez mais demanda, alguns transexuais procuram clínicas clandestinas ilegais no país ou no exterior. Não é raro também casos de transexuais que se automedicam, fazem aplicação de silicone para dar contornos femininos ao corpo, e isso costuma trazer grandes problemas, com riscos para a saúde, podendo custar até a vida do transexual.

Essa cirurgia é considerada um procedimento terapêutico e assim não fere “[...] o princípio da intangibilidade da pessoa humana, pois a cirurgia visaria tutelar a própria vida do paciente em sua estrutura psicofísica” (CHOERI, 2004, p. 119). Ou seja, a cirurgia possibilitaria uma vida social mais digna aos indivíduos transexuais. Os que escolhem passar pelo procedimento cirúrgico antes devem ser avaliados para saber se realmente há a prevalência do sexo psicossocial sobre o sexo biológico, o que autorizará a transformação, de caráter irreversível. Choeri explica que muitos questionam o critério desta avaliação, pois esta pode resultar na mutilação de partes de um corpo até então saudável, o que para alguns é flagrante violação à integridade física (CHOERI, 2004, p. 119). Pietro Perlingieri (1981 apud CHOERI, 2004) formula a seguinte opinião:

A intervenção sobre a pessoa para a mudança de sexo é legítima desde que correspondente ao interesse da pessoa, que assim é não por capricho seu, mas porque constitui o resultado da avaliação objetiva das suas condições. Seria, portanto, antijurídico o comportamento do médico que interviesse para provocar uma modificação numa pessoa de sexo unívoco completamente sã (PERLINGIERI 1981 apud CHOERI, 2004, p. 119).

Sutter (1993) ainda afirma que é dever do médico orientar o transexual para que ele compreenda as limitações da atuação médica, da cirurgia, e do resultado pós-operatório. Embora a medicina esteja avançando cada vez mais em cirurgias desse tipo, ainda existem grandes limitações. Sutter destaca que os órgãos genitais feitos por meio da cirurgia (neovagina e neopênis) não são iguais aos órgãos

sexuais comuns e por isso sua função e desempenho ficam comprometidos (SUTTER, 1993, p. 118). Ela ainda destaca que a dor e a falta de sensibilidade no local podem fazer com que após a cirurgia o transexual não sinta mais satisfação sexual, frustrando a visão de que uma vez operado este possuiria um desempenho sexual altamente satisfatório (SUTTER, 1993, p. 117).

Dessa forma, o transexual que busca na transformação a sua razão de viver, e que por isso retarda outras realizações para quando tiver atingido seu ideal, se as expectativas não corresponderem ao resultado obtido, é normal que haja frustração. E é a partir daí que nasce outra preocupação, uma vez que a frustração não passe quanto ao resultado irreversível e leve o paciente ao suicídio, da mesma forma que a insatisfação anterior levaria (SUTTER, 1993, p. 118). O preconceito também continuará acompanhando o transexual mesmo após a cirurgia, como argumenta Sutter:

Quererá ser aceito não apenas por uma minoria discriminada em sociedades conservadoras, mas de uma forma espontânea e geral. E, na procura de um parceiro sexual, sua transformação impede uma identificação como a que ocorre entre homossexuais. Nesta cada um dos parceiros sabe das limitações do outro e só chega ao relacionamento se antecipadamente as aceita. Já o transexual, normalmente introvertido, buscará um parceiro que desconhece sua real condição. Se se defrontar com os costumeiros, embora lamentáveis preconceitos, poderá perceber que, então, já não está sendo aceito em nenhum dos dois sexos (SUTTER, 1993, p. 118).

Segundo o site 'Portal Brasil', a cirurgia de mudança de sexo foi oficializada somente em 2008, no Brasil, quando o governo implementou o Processo Transexualizador por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). A Advocacia-Geral da União (AGU) destaca que é imprescindível atender às exigências do Sistema Único de Saúde (SUS) para realização de redesignação sexual. Ainda segundo o site, os advogados da União entendem que, por ser um procedimento irreversível, é preciso que o transexual possua todos os requisitos: maioridade, acompanhamento psicoterápico por pelo menos dois anos, laudo psicológico/psiquiátrico favorável, diagnóstico de transexualidade, e ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia. Para ambos os gêneros, o Ministério da Saúde estabelece a idade mínima de 18 anos para procedimentos ambulatoriais. Esses procedimentos incluem

acompanhamento multiprofissional e hormonioterapia. Para procedimentos cirúrgicos, a idade mínima é de 21 anos.

Mas o processo de transformação do transexual não termina na cirurgia, a aparência é apenas um dos aspectos a ser considerado. Após a adaptação do sexo biológico ao sexo psicossocial, o indivíduo ainda tem que adequar seus documentos, tanto se tratando do nome quanto do sexo. Sutter argumenta que esse processo de inclusão social é tão importante quanto a cirurgia:

O transexual então modificado quer ser socialmente aceito e isto implica na compatibilização do novo físico com seu sexo jurídico. Não podemos desvincular os dois aspectos intimamente interligados, pois a modificação de um deles e não do outro acarreta ao indivíduo transtornos ainda mais sérios do que aqueles que sofria inicialmente (SUTTER, 1993, p. 116).

Tereza Vieira (2012) destaca a importância do nome na vida de um indivíduo. Ela afirma que o nome está diretamente ligado à identidade de alguém, pois é por meio dele que nos apresentamos à sociedade, que terceiros nos identificam e nos singularizamos no convívio social. Ela ainda completa explicando que “[...] ao pronunciá-lo ou quando é ouvido, o nome nos remete a uma diversidade de características específicas da pessoa a ser reconhecida, tais como: físicas, morais, jurídicas, econômicas, entre outras” (VIEIRA, 2012, p. 364).

Quando nascemos recebemos o que é conhecido como nome civil e é por meio dele que somos reconhecidos nas relações interpessoais e que o Estado identifica o criminoso, o contribuinte e o sujeito de direitos (VIEIRA, 2012, p. 366). Vieira destaca que embora o nome civil seja de extrema importância, ele não é a única forma de nos identificarmos na sociedade, uma vez que existem indivíduos que se apresentam por outros nomes. Esses nomes estão ligados ao desenvolvimento da personalidade, em que o indivíduo se identifica com o gênero masculino ou feminino, independentemente do sexo anatômico que possui (VIEIRA, 2012, p. 366). Vieira apresenta o nome social da seguinte maneira:

O nome social, em verdade, é a denominação construída por travestis e transexuais para serem reconhecidos perante a sociedade e que possui relação direta com o gênero com o qual se identificam, seja ele masculino ou feminino. O termo

'reconhecidos' deve ser compreendido não apenas como a identificação do (a) travesti e do (a) transexual por terceiros interlocutores, mas também a forma como se compreendem e se reconhecem a si mesmos (as) (VIEIRA, 2012, p. 366).

No Brasil, ainda não existe uma lei específica que garanta ao transexual o direito de mudar o nome e sexo, para que estes se adequem à verdadeira identidade de gênero. Desta forma os transgêneros que buscam essa mudança se valem de dispositivos legais gerais. Vieira lembra que muitos fazem uso da Lei n 9.708/ 98, que tutela o direito do indivíduo de substituir o prenome que lhe foi atribuído no nascimento, que caiu em desuso, por seu apelido público notório (VIEIRA, 2012, p. 382).

O preconceito com transexuais e travestis e o desconhecimento sobre esse universo ainda parece ser o maior fator pelo qual a sociedade em geral ainda prefere utilizar os nomes civis aos sociais e artigos masculinos para definir transexuais femininas e artigos femininos para definir transexuais masculinos.

### 2.2.3 PRECONCEITO E INCLUSÃO SOCIAL

Os integrantes do grupo T sofrem um grande preconceito no cotidiano, como é relatado por diversas travestis e transexuais. Esse preconceito muitas vezes resulta em dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, evasão escolar, prostituição e violência. Um relatório divulgado, em 2015, pela ONG Internacional *Transgender Europe* aponta o Brasil como o país com o maior número de assassinatos de transexuais e travestis em todo o mundo. Entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes.

Já a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) detalha que, apenas em 2013, 121 assassinatos de travestis foram registrados no Brasil. É importante ressaltar que o percentual pode não registrar a dimensão do problema, já que dezenas de integrantes do grupo LGBTTT não chegam a registrar ocorrência quando hostilizados, porque já estão com a violência interiorizada. Essa violência, muitas vezes, torna alguns integrantes do grupo T agressivos, pois essa é a única forma que encontram para se proteger, como explica Ronaldo Costa (1994):

Na medida em que a Medicina e a sociedade não aceitam essas pessoas e se comporta como se elas não existissem, os travestis se valem de todos os meios para garantir os seus direitos como

seres humanos. Alguns se tornam violentos e agressivos para se defender, e as páginas policiais dos jornais estão cheias de casos dessa natureza. Na verdade, estão devolvendo à sociedade toda a carga de violência que recebem ao longo de suas vidas (COSTA, 1994, p. 144).

Outra consequência do preconceito vivido pelos transexuais e travestis é a dificuldade que estes têm de ingressar no mercado de trabalho. Vieira (2012) destaca que além do preconceito, a falta de uma referência familiar, escolarização incompleta e uma aparência física que não é aceita por empregadores e empregados no mercado de trabalho formal, também influenciam o transgênero a procurar uma forma de sobrevivência alternativa (VIEIRA, 2012, p. 289). Com isso, Vieira afirma que a prostituição se apresenta como um meio rentável para a sobrevivência imediata (VIEIRA, 2012, p. 289). Costa destaca que muitos desses integrantes do grupo T chegam até a procurar a prostituição no exterior e acabam migrando para outro país:

Muitos travestis brasileiros partem para o exterior para trabalhar na prostituição ou no meio artístico. Hoje já disputam esse mercado de trabalho em países como Portugal, França e Itália. Quase todos desejam retornar um dia ao Brasil em melhores condições para aqui poder viver uma vida normal (COSTA, 1994, p. 146).

A Carta Capital divulgou, em 2013, dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) que apontam uma situação preocupante: cerca de 90% das transexuais e travestis se prostituem no Brasil. A Carta Capital também mostrou uma pesquisa divulgada pela Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro (Triângulo Trans), que revela que apenas 5% dos travestis de Uberlândia encontram-se no âmbito de trabalho formal, enquanto 95% estão imersos na prostituição.

Uma vida profissional de sucesso é consequência, quase sempre, de uma boa formação acadêmica. Mas travestis e transexuais, muitas vezes, não conseguem atingir esses objetivos educacionais, pois não conseguem frequentar a escola ou não conseguem finalizar seus estudos simplesmente pelo preconceito que sofrem nesses estabelecimentos. Vieira explica que as escolas, em sua vertente mais conservadora, pautam seus ensinamentos e sua atuação por meios classificatórios,

que são a raiz do preconceito (VIEIRA, 2012, p. 368). Guacira Lopes Louro (2008 apud VIEIRA, 2012, p. 369) explica da seguinte forma como a escola trabalha com seus critérios de distinção:

Diferenças, distinções, desigualdades. A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seu início, a instituição escolar exerce uma atuação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, por meio de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2008 apud VIEIRA, 2012, p. 369).

Os integrantes do grupo T já sofrem com os olhares dos membros das escolas somente por expor sua condição. Além disso, são submetidos a constantes situações constrangedoras, pois são muitas vezes identificados por seu nome civil, o que acaba por expor a privacidade e a intimidade do transgênero, tendo que explicar o porquê do nome que lhe foi atribuído ao nascer ser completamente distinto da identidade física por eles apresentada, abalando a saúde psicológica, excluindo-os do convívio social e educacional formais (VIEIRA, 2012, p. 369).

A discriminação sofrida por transexuais leva essa parcela da população a ser o grupo social brasileiro mais sujeito à evasão escolar, com índices na casa dos 73%, dados da ANTRA, como divulga o site Observatório da Imprensa.

A utilização do nome social pode ser uma das formas de diminuir a evasão escolar e trazer de volta à escola aqueles que não concluíram seus estudos ou desejam ingressar nas universidades. Vieira explica que isso se deve à minimização dos constrangimentos sofridos pelos transgêneros, uma vez que serão identificados pelos professores, funcionários e estudantes pelo nome que corresponde ao gênero ao qual se identificam (2012, p. 370). Vieira também destaca que essa medida de inclusão social pode diminuir o preconceito nas escolas:

Ao facilitar o acesso de travestis e transexuais à escola, garante-se também a produção de outros benefícios, que não apenas o de assegurar o acesso e permanência destes indivíduos no sistema de ensino, pois ao mantê-los na escola cria-se um ambiente diverso, possibilitando a convivência entre os ditos 'diferentes',



praticando-se o respeito à individualidade, diminuindo, por consequência, o preconceito (VIEIRA, 2012, p. 370).

Nesse contexto, a Resolução número 12 do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais, publicada em março de 2015, orienta escolas e universidades a garantir o acesso e o reconhecimento desses estudantes em suas dependências.

Procurando essa inclusão social, em janeiro de 2015, a Prefeitura Municipal de São Paulo junto à Secretaria Municipal de Direitos Humanos lançou o programa Transcidadania, que tem como objetivo promover a reintegração social e a reinserção das travestis e transexuais nas escolas e conseqüentemente no mercado de trabalho, informação publicada pelo jornal Estadão. O projeto oferece uma bolsa de R\$ 840 para essas pessoas concluírem o ensino fundamental e médio. Cerca de 100 vagas são disponibilizadas com duração de dois anos. A prioridade é para travestis e transexuais em situação de rua. A taxa de evasão foi de 10%: sete pessoas deixaram o curso devido a problemas sociais e três foram presas por tráfico de drogas.

Todas as participantes do Transcidadania disseram ter sido expulsas de casa, segundo levantamento da Secretaria. Quase metade (43,07%) vive em albergues ou na rua. Há ainda 6,15% que moram em prédios invadidos. O recurso financeiro oferecido pelo programa corresponde a 100% da renda das alunas. Arrumar emprego é a expectativa de 54% das participantes. Redução da discriminação (23%) e formação continuada (23%) são outras prioridades.

#### 2.2.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Antes de falarmos como o grupo T é representado na mídia, será apresentado o conceito de representações sociais, para um melhor entendimento do assunto. O conceito de representação social foi introduzido por Serge Moscovici (2003) em 1961. Ele assim define representações sociais:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos

de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

As representações sociais estão presentes em nosso cotidiano, facilitando a comunicação. Moscovici (2003, p.10) afirma que “Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos” e são produtos dessa comunicação e interação. Desta forma, conclui-se que:

[...] em primeiro lugar, elas (representações sociais) convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas (MOSCOVICI, 2003, p. 34).

Essa categorização de objetos, pessoas e acontecimentos, unidas com a característica das representações sociais de igualar “toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem” (MOSCOVICI, 2003, p. 46) constroem o conceito de senso-comum, uma vez que uma imagem está imediatamente ligada a uma representação. Sendo o senso-comum um conhecimento que nos é passado por gerações, a má interpretação das imagens pode levar ao pré-conceito sobre algumas representações que assim permanecem até que sejam adequadamente representadas. A comunicação como formadora dessas representações deve tomar extremo cuidado de como as apresentam para o público, uma vez que as relações que temos e criamos com outros indivíduos também são frutos dessas representações construídas por meio de narrativas as quais assistimos diariamente.

No Brasil, a televisão tem sido um espaço público de interpretação da realidade brasileira a partir das representações visuais do nosso cotidiano e dos brasileiros por meio da publicidade, da novela ou do telejornalismo. Essas imagens alimentam o nosso imaginário e representam uma interpretação cultural e histórica da nossa contemporaneidade. Como narrativa, as imagens constituem um discurso que interfere na realidade, constrói e reconstrói relações sociais e relações de poder (MOTA, 2012, p. 213).

A partir disso analisaremos como o grupo T foi representado pelos três materiais audiovisuais escolhidos.

### 3 METODOLOGIA

Existem várias formas de pesquisa e de classificação das mesmas. Do ponto de vista da abordagem, elas podem ser quantitativas ou qualitativas; em termos de procedimentos técnicos utilizados, elas podem ser bibliográficas, documentais, experimentais, de estudo de caso, de levantamento; no que diz respeito aos objetivos propostos, podem ser exploratórias, descritivas ou explicativas; já do ponto de vista da sua natureza, elas podem ser básicas ou aplicadas.

Neste trabalho, para a realização da pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa. Em um primeiro momento, foi feita uma revisão da literatura sobre o tema e depois foi empregada a técnica de análise de conteúdo no estudo de três peças audiovisuais: uma reportagem, uma propaganda e uma entrevista de um canal do Youtube; com o intuito de analisar e interpretar de quais formas a mídia vem mudando o discurso, embora muito lentamente, sobre os transgêneros, dando-lhes maior representatividade.

#### 3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo procura, segundo Laurence Bardin (2007, p.38), conhecer o que está por trás das palavras:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção; recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2007, p. 37).

Christian Laville e Jean Dionne (1999, p. 214) explicam que o princípio da análise de conteúdo “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.”

Mesmo organizado, o material continua bruto e não permite ainda extrair tendências claras e, ainda menos, chegar a uma conclusão. Será preciso para isso empreender um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem, procurar-lhes sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno de suas ideias principais (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 214).

P. Henry e S. Moscovici (1968 apud BARDIN, 2007, p. 28) afirmam que “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo.”.

Antes considerada uma técnica de investigação com a finalidade de descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de comunicação, a análise de conteúdo entre os anos 1950 e 1960 expandiu sua problemática e passou a adotar tanto o caminho quantitativo como o caminho qualitativo. Laville e Dionne (1999, p. 224) explicam as duas abordagens, em que na quantitativa o pesquisador categoriza os elementos tirados dos conteúdos e “[...] constrói distribuições de frequência e outros índices numéricos. Em seguida põe em movimento o aparelho estatístico habitual, com seus cálculos de coeficientes análises de variância e outros mecanismos.” Eles ainda destacam que os adeptos dessa abordagem argumentam que esses tipos de medidas veiculam quase todo o sentido dos conteúdos, o que torna esse gênero de estudo a maneira mais objetiva de alcançar esse sentido (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 224).

Já a abordagem qualitativa também se apoia na categorização de elementos, mas ao contrário de seu precedente

[...] antes de reduzir a uma simples frequência todos aqueles reunidos sob uma mesma rubrica como se fossem equivalentes, o pesquisador detém-se em suas peculiaridades, suas nuances que aí se expressam, do mesmo modo que nas relações entre as unidades de sentido assim construídas. ” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 225)

Laville e Dionne também destacam que a abordagem qualitativa possui uma proposta implícita de que a especificidade dos elementos do conteúdo e as relações entre esses elementos são portadoras da significação da mensagem analisada e que pode ser alcançada sem mergulhar na subjetividade (1999, p. 225). É importante lembrar que “as perspectivas quantitativas e qualitativas não se opõem então e podem até parecer complementares, cada uma ajudando à sua maneira o pesquisador a cumprir sua tarefa, que é a de extrair as significações essenciais da mensagem.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 225).

## 4 ANÁLISE

### 4.1 PRÉ-ANÁLISE E SELEÇÃO DE UNIDADES DE ANÁLISE

A pré-análise do material é a fase de organização propriamente dita. Segundo Bardin (2007, p. 89), corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso das operações sucessivas, em um plano de análise. Geralmente essa primeira etapa possui três missões: escolher os documentos que serão submetidos à análise; a formulação das hipóteses e dos objetivos da pesquisa e a elaboração de indicadores que fundamentem e que sejam base para a interpretação final (BARDIN, 2007, p. 89).

Neste trabalho, foram assistidas peças audiovisuais sobre a transexualidade, em um movimento exploratório, para que se soubesse como a maioria da grande mídia trata do assunto e representa os integrantes do grupo T. O objetivo foi organizar e identificar os aspectos considerados relevantes para o estudo. Após esse primeiro contato com os documentos, foram selecionadas peças que buscam um tratamento diferenciado dessas pessoas, três materiais audiovisuais que conseguiram, de uma forma geral, explicar o que vem a ser a sociedade T. Em seguida, foram feitas gravações das peças audiovisuais. Concluídas as gravações, foi feita uma leitura flutuante desses textos para uma melhor compreensão do que foi falado em cada vídeo. Os materiais audiovisuais são os seguintes:

- Reportagem: Transexualidade – Edição 18/11/2014
- Propaganda: L'Oréal Paris - Toda mulher vale muito – Veiculada dia 08/03/2016
- Vídeo do Youtube: TRAVESTIS NA TV - Sauna Justa: Travestis e Transexuais (parte 2) – Veiculado dia 13/08/2015

O principal critério de escolha das unidades de análise foi achar peças audiovisuais que tentassem expor, em seu todo, como vivem os transgêneros. Outros fatores que pesaram pela escolha dessas unidades de análise foram: a reportagem foi produzida pelo Profissão Repórter, programa da Rede Globo, considerada a maior rede de televisão aberta do Brasil, e por isso possui um amplo

alcance; a propaganda é da L'Oréal Paris, uma empresa multinacional francesa de cosméticos bastante conhecida no Brasil e que lançou a peça publicitária no dia da mulher; a entrevista do canal do Youtube chamado Põe na Roda, que ganhou exposição por ter todos seus apresentadores como integrantes do grupo LGBT e que tentam lutar contra os preconceitos que esse grupo sofre.

É importante ressaltar que vivemos em um país onde, na maioria dos lares, existe, pelo menos, um aparelho de TV. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), realizada pelo Ibope em 2015, 95% dos brasileiros assistem TV regulamente e 74% a veem todos os dias, ou seja, milhares de telespectadores estão ligados na telinha durante grande parte de suas vidas, recebendo informações por meio de um uma numerosa quantidade de sons e imagens. Com presença quase que garantida em quase todas as casas do mundo, os meios de comunicação de massa têm o poder de condicionar os gostos, desejos e sensações de muita gente (KOTLER; ARMSTRONG apud PERES, 2001, p.59). Uma pesquisa realizada na Alemanha em 2011, por BLM e TNS Infratest, mostra que a televisão é o meio de comunicação que mais influi na formação de opinião pública, determinando a opinião de 40% dos usuários de meio de comunicação. Isso justifica a escolha por materiais audiovisuais, em que dois deles, a reportagem e a propaganda, foram transmitidas na televisão em escala nacional.

Além disso, o vídeo no YouTube foi escolhido tendo em vista a crescente participação do conteúdo disponível online na preferência do público. Vale lembrar que o Youtube é um site que permite que os usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. O YouTube tornou possível a qualquer um que usa computador a postar na Internet um vídeo que milhões de pessoas poderiam ver em poucos minutos, por meio de um sistema de criação de canais que o site disponibiliza para os seus usuários. A grande variedade de tópicos cobertos pelo site tornou o compartilhamento de vídeo uma das mais importantes partes da cultura da Internet.

Ao longo da análise foi identificado que os três vídeos abordavam os mesmos temas quando explicavam a sociedade T. Tais temas foram transformados em categorias para que a análise de conteúdo fosse melhor compreendida. As categorias que ajudaram com a quebra do discurso foram: uso do nome social, visibilidade do transgênero, aprofundamento sobre o universo transexual.

Explicaremos o que são e a importância das três categorias no item 4.5, quando foi realizada uma análise em que é feita uma relação entre os vídeos.

#### **4.2 ANÁLISE DA REPORTAGEM: TRANSEXUALIDADE – EDIÇÃO 18/11/2014**

Essa reportagem é do programa Profissão Repórter, produzido e exibido pela Rede Globo, às terças-feiras. O programa apresenta Caco Barcellos e uma equipe de jovens repórteres que vão às ruas, juntos, para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato. Essa edição do programa conta a história de sete transexuais, sendo duas crianças, Jay Baker e Avery Jackson; três jovens, Christian Hugo, Eduarda e Robis; e dois adultos, Laerte e Luciano Palhano. As histórias se passam no Brasil, na cidade de São Paulo, e nos Estados Unidos, nas cidades de Maine e no Kansas.

O programa começa com uma chamada, narrada por Caco Barcellos, em que aparece cada um dos personagens falando uma frase emblemática ou apenas mostrando seu cotidiano. Na primeira cena da chamada já é possível perceber que o programa não adotará o discurso de transexuais vivendo na prostituição e violência, ou pelo menos não adotará somente esse discurso, isso porque nela aparece o menino Jay Baker, de apenas quatro anos, sorrindo e em seguida explicando que já foi uma menina, mas agora é um menino. Além disso, a cena também afasta do telespectador o estereótipo de que transexuais são homens, adultos, que usam muita maquiagem e que se vestem com roupas femininas. Acredito que a cena também possui outra função: sensibilizar o telespectador para que este veja que a transexualidade é algo real que vem desde muito cedo e não uma escolha banal que alguém faz para mudar seu estilo de vida.

As cenas seguintes mostram Luciano Palhano e Laerte explicando a questão do nome social e o uso correto de pronomes para se referir aos transexuais, o que é uma grande interrogação para a maioria da sociedade que quase sempre não sabe como tratá-los. O assunto seguinte a ser abordado na chamada é o processo de redesignação sexual, que vai desde a hormonioterapia até cirurgias mais complexas. Christian Hugo aparece mostrando como ele faz para esconder as partes de seu corpo que não gosta e como acontece esse processo de redesignação. Porém, se tratando de um processo complicado, a reportagem coloca na cena seguinte as consequências de uma cirurgia clandestina e mostra o que aconteceu com Luciano quando este buscou retirar os seios sem a assistência médica adequada. O último

tema abordado na chamada é o preconceito contra os transexuais. Eliane de Oliveira, mãe de Robis, aparece falando que não está preparada para ver seu filho de barba, o que mostra que os transexuais lutam até mesmo dentro de casa contra o preconceito, o que muitas vezes os leva a deixar, ainda muito jovens, a casa dos pais. A reportagem ainda destaca que o preconceito também existe dentro da própria comunidade T. Robis e Eduarda são namorados e aparecem na chamada da matéria explicando que muitas vezes um transexual não aceita namorar com outro transexual por acreditarem que eles ainda pertencem ao gênero antigo. Após essa apresentação dos personagens e dos temas que serão abordados começa a reportagem especial com duração de aproximadamente vinte e cinco minutos.

A reportagem parece ser montada a partir de uma ordem de temas que cercam a transexualidade. Desta forma, as histórias de cada personagem vão sendo contadas aos poucos, intercalando uma história com outra. Essa alternância dá dinâmica à matéria, pois impossibilita que um personagem conte, de uma vez, tudo que já passou, o que poderia levar o telespectador a exaustão e conseqüentemente a mudar de canal. Além disso, o formato em que a reportagem foi montada faz com que o telespectador fique curioso para saber mais sobre cada personagem, prendendo a atenção do telespectador e o levando a assistir ao programa até o final.

A primeira história a ser contada é a de Jay Baker, um menino de quatro anos, que vive com os pais e os irmãos na cidade de Maine, nos Estados Unidos. Os repórteres vão até a casa de Jay para conhecer um pouco mais do menino, mas ao chegarem lá a criança se mostra incomodada e envergonhada em falar sobre sua condição com a reportagem. A repórter Eliane Scardovelli tenta transmitir o quão difícil é para o garoto conversar com ela e que quando algum trans é questionado sobre sua situação ele pode muitas vezes não querer responder e sua privacidade deve ser respeitada, independentemente de ser uma criança ou um adulto. Essas cenas possuem aproximadamente um minuto e meio, mas mesmo breves já conseguem passar que o transexual deve ter sua privacidade respeitada como qualquer outro membro da sociedade.

Após a apresentação de Jay, o programa nos traz de volta ao Brasil e nos apresenta a Luciano Palhano. A repórter Danielle Zampollo não apresenta Luciano como um transexual e sim como o coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade. Caso os telespectadores não tenham assistido à chamada, a identificação de que ele é um transexual se torna difícil, sendo percebida somente



dois minutos depois, quando ele fala sobre seu tratamento de redesignação de sexo. Isso ocorre porque a repórter respeita a identidade e vontade de Luciano, e da maioria dos transexuais, quando usa pronomes masculinos ou o nome social para se referir a ele. Essa atitude da repórter acaba ensinando aos que lhe assistem a maneira mais correta e respeitosa de tratar os transexuais, ou seja, se não pelo nome social, pelo pronome com o qual ele se identifica. Luciano e a repórter Danielle vão para uma reunião de transexuais no CRT, um centro clínico que atende ambulatoriamente pessoas trans em São Paulo. Nessa parte da matéria novamente é passado a importância de se respeitar a privacidade dos transexuais quando Luciano explica que eles dificilmente recebem convidados no centro clínico, e que os participantes teriam que autorizar a participação da repórter.

O grupo de transexuais autoriza que a repórter participe da conversa e começam a contar um pouco de si e debater assuntos que cercam a transexualidade. No debate, o assunto que é destacado pela repórter é o vocabulário do meio trans, desconhecido pela maior parte da sociedade. Buscando esclarecer para o público um pouco desse vocabulário, a repórter explica a diferença entre os termos cisgênero e transgênero, em que o primeiro caso se aplica quando uma pessoa nasce homem ou mulher e assim se sente, e o segundo acontece quando alguém nasce homem ou mulher, mas se identifica com o gênero oposto. Nessa busca de tornar o corpo condizente com a identidade, muitos transexuais desejam realizar uma cirurgia. A partir disso, a repórter começa a mudar o tema da reportagem para cirurgia de redesignação de sexo. Ela questiona quais das pessoas que estão participando da conversa estão na fila esperando por uma cirurgia e em seguida a psicóloga Maria Macedo explica que a demanda de pessoas querendo mudar de sexo vem crescendo cada vez mais e que por se tratar de um processo demorado muitas pessoas optam por uma cirurgia clandestina. Luciano explica que ele mesmo fez cirurgias não autorizadas e admite que isso é arriscado.

Terminada a reunião, Danielle e Luciano vão para a casa da namorada dele. Esse diálogo em que Luciano revela ter uma relação com uma mulher é curto, porém suficiente para mostrar aos telespectadores que os transexuais nem sempre vivem na prostituição, ao contrário, alguns são como Luciano e possuem empregos e relações amorosas como o restante da sociedade.

Em seguida, tentando obter mais informações sobre Luciano, a repórter comete uma espécie de gafe ao perguntar a ele qual era seu nome de registro. Um pouco

sem graça, Luciano explica que esta é uma das perguntas que não devem ser feitas a pessoas trans, Danielle faz um gesto com a mão como quem pede desculpas e concorda com o rapaz. Vemos nessa cena que o programa tenta ensinar, com o próprio erro da repórter, que nem tudo que se deseja saber deve ser perguntado para que o transexual não tenha a privacidade nem a integridade comprometida. A conversa é retomada e Luciano explica que foi aos 18 anos que resolveu revelar sua verdadeira identidade e que as primeiras coisas que queria mudar eram: a retirada dos seios e possuir barba. Ele lembra novamente de sua cirurgia clandestina e explica que fez isso pois queria se livrar de seu corpo antigo. Embora tenha realizado o procedimento, Luciano destaca os riscos que correu e mostra para a reportagem uma das consequências de realizar tais cirurgias, ele conta que seu mamilo necrosou o que poderia ter causado sua morte. Essa parte da reportagem parece ser direcionada justamente aos transexuais que cogitam realizar essas cirurgias arriscadas, mostrando-lhes que vale mais a pena esperar alguns anos na fila do SUS do que fazer procedimentos com profissionais não especializados que podem causar a morte.

O terceiro personagem a aparecer na reportagem é a cartunista Laerte, conhecida do repórter Caco Barcellos há mais de trinta anos. As primeiras imagens em que o personagem aparece são fotos antigas, onde ele ainda tinha uma aparência totalmente masculina. Quando Laerte chega ao local de encontro o jornalista pergunta se deve chamá-la usando o artigo masculino ou feminino. “Como você se sentir mais à vontade. Não estou corrigindo as pessoas, o que sair, saiu. Não é gafe, não é problema nenhum”, diz Laerte. Essa parte da reportagem mostra que não são todos os transexuais que se sentem constrangidos com a confusão de pronomes ou artigos, mas que o correto seria utilizar aquele que está de acordo com o gênero que o trans se identifica, para que não seja necessária nenhuma correção.

Caco Barcellos acompanha Laerte em um debate sobre a luta dela contra a homofobia, preconceito contra gays, travestis e transexuais. Mas quando o debate começa, visivelmente incomodada, Laerte não consegue desenvolver respostas e prefere não falar. Nessa cena vemos mais uma vez que os transexuais muitas vezes não se sentem confortáveis para conversar sobre sua condição, mesmo sendo uma figura que está acostumada a falar em público.

Em seguida a reportagem nos leva de volta para Maine, nos Estados Unidos, para contar um pouco mais sobre Jay. A repórter Eliane destaca que ao

conversarem com Jay sobre outros assuntos o menino foi se acostumando com a presença da reportagem até finalmente conseguir confiar nos que ali estavam. Esse trecho da filmagem traz a realidade de que alguns transexuais demoram a confiar nas pessoas ao seu redor com medo de serem pré-julgados pela sociedade, e que para afastar esse sentimento de insegurança a melhor maneira é se aproximar devagar.

A reportagem acompanha Jay e sua família em um jogo de futebol do irmão do garoto. No local, Jay começa a chorar, e o pai dele, Chris Baker, explica que o garoto se frustra facilmente. O pai resolve voltar com o menino para casa, e lá Jay já se mostra mais aberto e permite que a reportagem visite seu quarto. Embora ainda tímido, o garoto começa a falar sobre si mesmo explicando que gosta como seus bonecos se vestem e de seu corte de cabelo. Os repórteres destacam que Jay realmente aparenta ser um menino, mas que quando atingir a maturidade será mais difícil de esconder o físico feminino. Essas últimas falas dos repórteres foram propositalmente colocadas já para introduzir o próximo tema: os passos de um trans que quer mudar sua aparência.

A partir disso, a reportagem volta ao Brasil para acompanhar o começo da transformação de Christian Hugo. A repórter Danielle vai ao SUS junto com Christian para a primeira consulta do rapaz. Lá ele passa por um questionário e uma bateria de exames que comprovam, respectivamente, sua transexualidade e sua condição médica para se fazer a transformação. Antes dos exames, Christian mostra o binder, o colete elástico que ele usa para esconder os seios. Essas cenas mostram o quanto o corpo em desacordo com o gênero incomoda o transexual, sabendo disso, pode-se inferir que essas cenas foram colocadas com o intuito de conscientizar os telespectadores para que estes não façam brincadeiras ou ridicularizem o corpo de uma pessoa trans.

Após os exames, a médica alerta Christian sobre os riscos de consumo de hormônios em alta dosagem e o lembra que este tipo de medicação deve ser feita apenas com acompanhamento médico. Esse trecho da reportagem mais uma vez se dirige principalmente aos transexuais, para que estes saibam que não são só cirurgias malfeitas que trazem riscos à saúde, mas também a automedicação de hormônios.

Para reforçar essa posição, a reportagem mostra Christian recebendo medicamentos no hospital sob orientação médica. Durante as sessões de injeções a enfermeira se confunde e acaba trocando os pronomes e chama o rapaz de “ela”. Christian se sente incomodado e prontamente corrige a enfermeira, o que acaba por mostrar aos telespectadores que nem todos os telespectadores são como Laerte, e não se importam com os pronomes e artigos trocados. Inclusive, quando ocorre algo dessa natureza a maioria dos transexuais têm a mesma atitude de Christian, e desta forma a matéria retoma o tema de consciencialização acerca do uso de pronomes, artigos e nome social.

Nas cenas seguintes, Caco Barcellos volta a conversar com Laerte, dessa vez em um parque frequentado por homossexuais, bissexuais e travestis. Eles começam a discutir sobre as dificuldades que os transexuais enfrentam para realizar a transformação pelo SUS. Em seguida, Laerte conta um pouco mais sobre sua vida e fala que na infância gostava de ser menino. Ela esperou 30 anos e três casamentos para se revelar uma transgênero. Enquanto discutem essa história, o repórter comete um erro com as palavras ao falar que Laerte se “tornou” um trans, uma vez que a pessoa não se torna transgênera, ela é transgênera e quando mostra isso para a sociedade ela revela sua verdadeira identidade. Isso é reafirmado quando ela explica que ela não se aceitava, porque sabia qual era a verdade, que não era apenas uma etapa. A revelação de Laerte mostra aos telespectadores que não há momento certo para se revelar transexual e que existem diferentes níveis de transexualidade, pois há aqueles que gostavam de seu gênero antigo e existem os que, desde cedo, como Jay, não apreciam falar sobre como já foram no passado.

Ao longo da conversa surgem pessoas ao redor da travesti e do repórter que começam a fazer perguntas relacionadas à homossexualidade e à transexualidade. A reportagem destaca a fala de Laerte quando essa diz que faz muita diferença ter uma família que apoia na vida de um transexual. Essa frase remete à reportagem de volta aos EUA, para contar um pouco mais de Jay e sua família, em que o tema abordado passa a ser aceitação familiar.

Depois de alguns dias frequentando a casa da família Baker, a equipe de reportagem já não é mais vista como algo desconhecido pelo garoto. O pai de Jay nota que seu filho já dá mais liberdade para os brasileiros e então decide mostrar algumas fotos do garoto antes da transformação. Chris explica que desde muito

cedo o menino manifestava a vontade de ser do sexo masculino e que sua mudança foi gradual e intensa, a começar pelo nome que deixou de ser Jemina e passou a ser Jay por escolha do menino. Jay surge na sala para ver as fotos junto com o pai e a reportagem. Em uma das fotos ao ser questionado pela repórter porque seu cabelo está diferente, o menino admite que já foi uma menina, mas logo em seguida reforça que agora é um menino. Chris explica que a transformação de Jay foi muito mais fácil para as crianças do que para ele sua esposa. A mãe de Jay, Clara Baker, lembra que no começo de tudo os pais achavam engraçado Jay falar que era um menino, mas isso mudou quando o garoto passou dias chorando porque queria ter um pênis. Clara diz que mesmo com as crises de choro do filho ela queria profundamente que ele fosse uma menina e que teve que se esforçar para entender o que estava acontecendo, mas que agora eles veem que ele se tornou uma criança muito mais feliz e que é isso que importa. Essas cenas mostram que a transformação não é difícil somente para o trans mas também para sua família. Entretanto, quando a mudança é feita e aceita pelo menos pelas pessoas próximas a ele, o transexual consegue viver melhor do que antes.

Terminada a história de Jay, volta-se ao Brasil onde Caco Barcellos visita uma exposição das obras de Laerte. Lá ele encontra um amigo antigo de Laerte, Ricardo Paoletti, e este começa a mostrar fotos antigas da amiga de quando eles se conheceram, na época Laerte ainda tinha aparência masculina, e falar de suas obras. No meio da conversa acaba sendo relevado o motivo que desencadeou a transformação de Laerte: a morte de seu filho. “Morreu meu filho, aí eu ou parava de desenhar ou radicalizava o processo de mudança que eu já vinha fazendo.” explica ela. A transformação foi registrada em seus trabalhos. Nessas cenas é mostrada uma verdade de muitos transexuais que não se aceitam e precisam de um choque de realidade em suas vidas para que sua transformação seja desencadeada.

Nas cenas seguintes o tema volta a ser a forma mais correta do uso de pronomes e artigos para se referir aos transexuais. Uma visitante da exposição fala que Laerte pode ser tratado como “ele” ou “ela”, pois é os dois. Laerte então lembra de um outro pronome inventado para se referir aos transexuais sem mais problemas por ser um pronome neutro: ile. Desta forma, a reportagem sugere aos telespectadores mais uma forma de tratar os transexuais sem lhes faltarem com respeito e evitar constrangimentos das duas partes.

No segundo bloco do programa são apresentados Eduarda e Robis, um casal de jovens transexuais. Eles contam que se conheceram na internet, em grupo do Facebook, e que, no começo, o relacionamento foi estranho para os dois pois nunca tinham se relacionado com outro transexual. Eduarda explica que no meio trans também tem preconceito “ Para ele, eu era um homem e para mim, ele era uma mulher”. Essas cenas mostram que o transexual procura um relacionamento heterossexual e que muitas vezes não aceitam namorar com outro trans por saber que este já teve outro sexo. Essa parte do programa procura conscientizar e acabar com preconceitos tanto dos transexuais quanto do restante da sociedade.

Em seguida o programa volta a abordar a temática sobre a aceitação familiar. A reportagem visita a mãe de Robis, Eliane, e esta conta que até hoje não se acostumou com a mudança do filho e que não chama seu filho de “ele”, “ile” ou Robis. Quem mais ajuda Robis em sua transformação e Eliane a aceitar cada vez mais o filho é Gisele, irmã mais nova de Robis. “O meu preconceito era eu vou ser julgada, que eu não soube educar, que eu não soube nada. Eu estava divorciada, que eu ia ser julgada pelo pai, porque estava convivendo com um monstro dentro de casa, porque isso era o que se dizia na época”, conta Eliane. Mas ao ver que sua filha aceitou o irmão foi mais fácil para ela se acostumar, mas conta que ainda não está preparada para ver o filho de barba. Novamente essas cenas mostram que se um membro da família apoia a transformação do transexual a tendência é o restante da família ir aceitando aos poucos essa transição; e que com isso o transexual não se sente mais inseguro, o que evita que este tenha que sair de casa e procurar outras formas para sobreviver, podendo levá-lo às drogas e à prostituição.

Para contar a história do último transexual, volta-se aos EUA, dessa vez para a cidade do Kansas. Lá, mora Avery Jackson, uma menina de sete anos, que começou a mostrar sua verdadeira identidade aos cinco. Ao contrário de Jay, Avery parece se sentir confortável para falar de sua condição e logo de cara já mostra seu quarto para a equipe. A menina mostra seu guarda-roupa cheio de vestidos de princesas e lembra que antes a forçavam a vestir uma fantasia de Homem-Aranha, mas que ela sempre quis as fantasias de menina, porque gostava de ser menina. Avery conta que o processo de transição foi difícil e que a única coisa que permaneceu a mesma foi seu nome. “Foi difícil dizer para a minha família que eu era

uma menina. Achei que eles fossem me abandonar. Agora que sei que eles me aceitam, posso ser quem eu sou”, conta Avery.

Tom Jackson, pai de Avery, acredita que este é o caminho certo. “O melhor que podemos fazer é amá-la incondicionalmente. Se outros pais na mesma situação virem o amor que damos aos nossos filhos, poderemos ajudar a abrir seus olhos e seus corações”, diz ele.

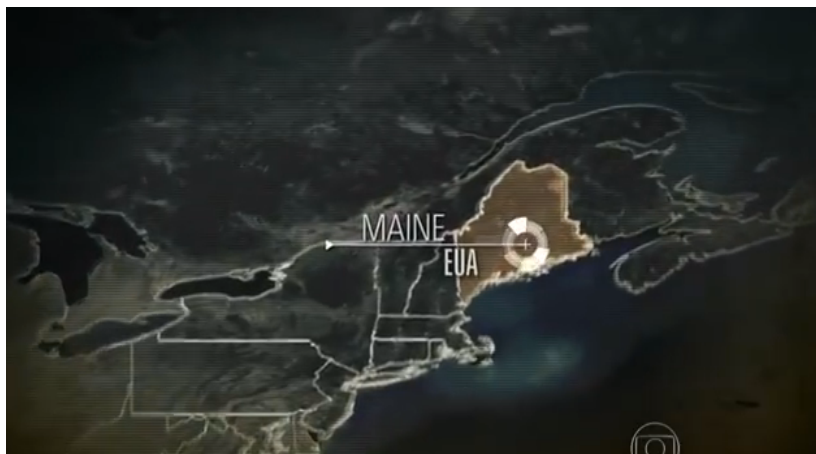
Quando Avery passou a ser tratada como menina, a família perdeu muitos amigos. Debora Jackson, mãe de Avery, conta que os pais das crianças ficaram assustados, porque não sabiam como explicar para os filhos o que estava acontecendo e pararam de falar com a família deles. A família resolveu tirar os filhos da escola e hoje os dois são educados em casa. “Posso ver que a minha filha está feliz, que ela não deseja mais morrer, como muitas vezes desejou. Então, como mãe, sei que estamos fazendo a coisa certa”, diz a mãe da menina. Essa última história aborda um conjunto de temáticas, como as dificuldades de se relevar trans, a aceitação familiar e o preconceito da sociedade.

Descrita a reportagem podemos chegar a algumas considerações. A primeira delas é que, ao todo, foram abordadas seis temáticas principais: dificuldade de se relevar transexual; redesignação sexual; riscos de uma transformação sem acompanhamento médico; o uso correto de pronomes, artigos e nome social; aceitação familiar; e preconceito contra transexuais dentro e fora da comunidade T. Os jornalistas procuram passar para o telespectador as maneiras mais corretas e respeitadas de tratar um transexual, para que este não se ofenda. Além disso, eles destroem os estereótipos de que os transgêneros são homens, adultos, que usam muita maquiagem, que se vestem roupas femininas, quase sempre ligados a drogas e prostituição.

A reportagem também tenta conscientizar e acabar com os preconceitos das pessoas que convivem com os transexuais, ao mostrar que uma vez aceito pela família a expectativa de vida do transexual aumenta e que o sofrimento deste diminui. Além disso, a reportagem busca conscientizar os próprios transexuais quando o assunto é cirurgia de redesignação de sexo e namoro. A reportagem alerta e não recomenda que os transgêneros façam cirurgias clandestinas nem automedicação e mostram quais são os passos que um transexual deve seguir se quiser transformar seu corpo. Quanto ao namoro entre os transexuais, a reportagem

tenta mostrar que os transexuais muitas vezes identificam o semelhante como pertencente ao sexo antigo, e que isto atrapalha na conscientização do restante da sociedade, uma vez que nem eles se reconhecem pela identidade de gênero.

É interessante observar que sempre que um novo tema iria ser abordado, mas o personagem iria ser mudado, a equipe de reportagem encaixava uma sonora ou off relacionados à história anterior, introduzindo o novo tema de forma bastante clara, ou seja, o tema da história seguinte sempre estava relacionado com a última frase que foi dita na história anteriormente contada. É importante destacar que quando ha a mudança do Brasil para os Estados Unidos, ou vice e versa, a reportagem faz uma arte para facilitar o entendimento do telespectador. Segue um exemplo de como o mata funciona:



Mapa dos EUA, com foco na cidade de Maine.



Mapa do Brasil, com foco na cidade de São Paulo.



#### **4.3 PROPAGANDA - L'ORÉAL PARIS - TODA MULHER VALE MUITO – VEICULADA DIA 08/03/2016**

A propaganda em questão foi criada pela WMcCann em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. No vídeo vemos uma mulher se arrumando na frente de um espelho e ao fundo sua voz narrando como é ser mulher e o verdadeiro significado do dia 8 de março. Parece ser uma propaganda de cosméticos como todas as outras que aparecem nesse dia reforçando a luta e a força da mulher. Mas quando a modelo fala que este é, oficialmente, seu primeiro dia como uma mulher, o consumidor já percebe que tem uma mensagem a mais na propaganda. A informação de que a modelo Valentina Sampaio é uma mulher transgênera só é revelada no final do vídeo quando é feita uma foto de seu rosto, trata-se da nova foto de seu RG.

A propaganda é simples, porém a iniciativa consegue passar e reforçar a ideia da luta pela liberdade feminina em todas as suas expressões e ainda demonstra a atualidade do principal slogan da L'Oréal Paris "Porque Você Vale Muito". Além disso, a marca utiliza a data para elevar o debate sobre teorias de gênero. Esse é o foco do filme, que mostra Valentina que, apesar de sempre ter se identificado com o universo feminino - na forma de se vestir, pensar e andar -, até hoje possuía uma carteira de identidade que não a representava.

A propaganda faz questão de afirmar que não só Valentina, mas todas as mulheres transgêneras devem ser tratadas e respeitadas como qualquer outra mulher. A propaganda celebra ainda o fato de que agora os transgêneros podem ter em seus documentos nome e sexo com o qual se identificam. O dia 8 de março celebra a luta das mulheres que, com o passar dos anos, vem conquistando cada vez mais espaço na sociedade. Veicular a propaganda nesse dia passa a ideia de que depois de muitos anos lutando por seus direitos, os trans estão conseguindo, aos poucos, seu espaço, e que, assim como foi com as mulheres, ainda se tem um caminho longo a ser percorrido, mas tal conquista merece ser comemorada.

Com essa atitude a propaganda ainda traz para si novos consumidores (mulheres, transgêneras ou não), uma vez que as imagens e mensagens simbólicas da propaganda tentam criar uma associação entre os produtos oferecidos e ações socialmente desejáveis e significativas, além de causar a impressão de que é

possível se tornar certo tipo de pessoa (por exemplo, uma “mulher forte”) comprando aquele produto.

Na propaganda, a principal temática vista é a luta do grupo T para ser aceito e reconhecido pela identidade com a qual se identifica, e a adoção do nome social como nome civil é o primeiro passo.

#### **4.4 VÍDEO DO YOUTUBE: TRAVESTIS NA TV - SAUNA JUSTA: TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (PARTE 2) – VEICULADO DIA 13/08/2015**

O canal Põe Na Roda ganhou espaço por mostrar que o humor gay não é apenas fazer piadas com homossexuais. O canal aborda temas do universo gay e tenta quebrar estereótipos e preconceitos que cercam o grupo LGBT. O canal ainda tenta aumentar a representatividade LGBT na mídia, pois além de falar sobre assuntos desse universo, todos seus apresentadores são do grupo G.

No vídeo analisado, os três apresentadores, Pedro Mendes, Nelson Sheep e Felipe Abe, debatem de forma descontraída sobre o universo do grupo T com duas transexuais Renata Perron e Lindsay Lorrane, e uma travesti Symmy Larrat.

O primeiro tema a ser abordado no debate é o processo de redesignação de sexo. Renata Perron destaca que ela não pode fazer a transição por meios médicos por conta de um problema de saúde, o que acaba por ensinar àqueles que assistem ao vídeo, principalmente aos transexuais e travestis, que não são todos os transgêneros que podem realizar a transição, muitas vezes questões médicas impossibilitam que ela seja feita, por isso o acompanhamento médico é imprescindível.

Já Symmy Larrat destaca que a transição deve acontecer quando a identidade de gênero aflora, independentemente da idade. Nelson Sheep questiona se uma pessoa realmente sabe sua identidade de gênero quando é uma criança. Lindsay Lorrane explica que quando era mais nova, ela nunca se imaginou ficando com uma menina, mas sim brincando com uma e tendo a aparência de uma. Nelson então pergunta qual é a diferença entre uma pessoa que, assim como seu amigo Felipe Abe, gosta se vestir de mulher na infância, com uma mulher trans. O próprio Felipe explica que nunca se sentiu mulher, algo que é a base do ser transexual.

Nas cenas seguintes Renata Perron conta que, antes de se descobrir transexual, pensou ser travesti, pois era o que mais se aproximava de sua

identidade. Com o passar dos anos percebeu que tinha características diferentes das demais travestis e foi quando se percebeu transexual. Esse primeiro debate visa explicar para o telespectador que travestis e transexuais não são iguais, ao contrário do que a maior parte da sociedade pensa.

O segundo tema abordado é transgêneros na mídia. Renata destaca a forma errada que Sílvio Santos apresentava os transexuais para a sociedade. Symmy explica que tinha um lado bom, pois muitas pessoas se identificavam com o que lhes era mostrado na TV, e um lado ruim que reforçava o pejorativo e o estereótipo da pessoa trans. Renata afirma que Sílvio Santos, apesar de conhecer o mundo transexual, continua depreciando ou fazendo piadas com os trans que vão ao programa. Renata lembra que o apresentador não faz o uso correto de artigos e se refere aos transexuais de acordo com seu sexo biológico. Symmy lembra que muitas transexuais se colocam nessa posição com a inocência de que vão conseguir conquistar seu espaço. Esse trecho do debate busca conscientizar o público de que muitas vezes as transexuais mostradas em programas de humor não representam o grupo T, pois estão lá apenas para fazer os telespectadores rirem. Além disso, o vídeo procura conscientizar as próprias transexuais e travestis, pois ao se colocarem nesse papel reforçam o preconceito, e que muitas não estão na televisão com o objetivo de conscientização, mas sim como motivo de piada, o que acaba desmoralizando o grupo T.

Em seguida, o grupo começa a conversar sobre a problemática do nome social. Symmy explica que o Brasil ainda não possui uma lei específica que garanta a troca do nome civil pelo nome social e que, caso um transexual queira fazer essa mudança, deve alegar constrangimento com seu nome de registro. Lindsay Lorrane destaca que alguns juízes ainda não autorizam a troca de nome. Essas cenas mostram as dificuldades encontradas por trans ao solicitarem a troca do nome civil, que acontece pela falta de uma lei específica e também pelo preconceito.

O penúltimo tema a ser abordado é a baixa expectativa de vida dos transexuais. Symmy lembra que, quando a aceitação familiar não acontece, essas pessoas acabam saindo de casa muito cedo e encontram a prostituição como única forma de sobrevivência. Ela lembra que as drogas e cirurgias clandestinas também são responsáveis por diminuir ainda mais essa expectativa. Para que essa realidade seja mudada, Symmy acha que o universo trans deve ser introduzido na educação, não como matéria escolar, mas que o discurso nas escolas deve ser mudado ao se

tratar do assunto. Essa temática mostra a importância da aceitação familiar, que evita a evasão escolar, a prostituição e o uso de drogas. Além disso, eles procuram alertar as transgêneras sobre o uso de silicone industrial e cirurgias clandestinas.

A diferença entre ignorância e preconceito é o último tema a ser discutido. Symmy destaca que a falta de voz da sociedade trans faz com que as pessoas falem coisas por falta de conhecimento e que é necessário diferenciá-las daquelas que possuem um discurso de ódio, pois só assim a sociedade será mudada. Esse trecho busca conscientizar tanto transexuais quanto pessoas não trans para que os primeiros busquem informar os leigos, mostrando-lhes o que é certo e o que é errado quando se referirem ao universo T; e para que os segundos procurem por conta própria informações sobre o que é transexualidade para que não ofendam os transgêneros e os ajudem na luta contra o preconceito.

Por meio de um debate descontraído, os apresentadores tentaram mostrar um pouco mais sobre o mundo trans abordando cinco temas principais: a redesignação de sexo, os transexuais na mídia, a questão do nome social, a baixa expectativa de vida de transgêneros e o preconceito. O ambiente em que acontece a conversa tenta deixar os integrantes do grupo T o mais confortável possível como podemos perceber nesta imagem:



Os entrevistadores montam um cenário de sauna, local conhecido por ser lugar de relaxamento.

#### 4.5 RELAÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS E A MUDANÇA NO DISCURSO

Os vídeos analisados têm vários pontos em comum, nos quais fica evidente a mudança do discurso, enumerados a seguir.

- a) Uso do nome social ou do pronome de acordo com a identidade de gênero para se referir aos transgêneros.

Todas as peças audiovisuais analisadas, sem exceção, se referem em quase todos os momentos a travestis e transexuais usando nome social, artigos e pronomes de acordo com o gênero que o trans se identifica, especialmente por parte dos repórteres. Houve o caso em que Caco Barcellos perguntou para a personagem como ela preferiria ser chamada, e mesmo quando esta responde que da forma que o repórter preferir, Caco faz questão de tratá-la de acordo com a identidade de gênero. Foram raros os momentos que houve confusão com a nomenclatura, identificadas somente em falas de personagens não trans, como por exemplo, a gafe da enfermeira ao chamar Christian de “ela” e a mulher na exposição de Laerte afirmando que poderia chamar a trans de “ele” ou “ela”, pois ela é os dois.

A linguagem, como já demonstrado anteriormente, é fundamental na construção da identidade da transexual ou travesti. Nos vídeos, esse uso da nomenclatura adequada ajuda a atestar que se trata de algo natural, e contribui para reforçar a ideia de que aquelas pessoas são iguais a todas as outras da sociedade. As palavras utilizadas são fundamentais na construção da narrativa. Célia Mota (2012) afirma que a compreensão das imagens depende também da linguagem verbal “porque esta está sempre a pontuar a primeira, delimitando seus espaços, constringendo-a a um significado dominante.” (2012, p. 207).

Com isso, além de mostrar alguém com formas femininas, se referindo a si mesma como mulher, ou uma pessoa com aparência masculina, se tratando a si próprio como homem, os vídeos precisam das palavras para reforçar a mensagem transmitida, que neste caso é justamente a adequação das transexuais e travestis no que diz respeito à sua identidade.

- b) Aprofundamento sobre o universo transexual

É possível perceber que, enquanto os vídeos estavam sendo produzidos, um estudo sobre o universo trans era feito. Na reportagem, os repórteres evitam fazer generalizações e mostram que cada transexual tem comportamentos diferentes em relação à aceitação de sua identidade, ao uso de nome social, à aceitação das perguntas que eram feitas, à necessidade de redesignação, etc. Em todos os casos é mostrado o lado mais humano deles: sofrimento, dificuldades, superação e conquistas, como, por exemplo, a aceitação familiar de Jay e Avery, algo raro no universo trans, e o sucesso de Valentina ao conseguir mudar seu RG, para que este fique de acordo com sua identidade de gênero. Os vídeos ainda tentam expor que transexuais e travestis não são homossexuais, pois têm uma identidade de gênero feminina ou masculina singular, portanto a sua atração por homens ou mulheres é condizente com o que classificamos como heterossexualidade. Isso tenta ser exposto na reportagem ao contarem a história de Robis e Eduarda.

Além disso, os vídeos procuram mostrar que o universo trans não é baseado somente em prostituição e drogas. Nos vídeos, nenhum personagem transexual vive nesse meio. Inclusive, eles destacam que os transexuais ocupam cargos importantes ou empregos com muita visibilidade, como Luciano, que é coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade; Valentina, que trabalha como modelo; e Symmy, a primeira travesti a ocupar a função de coordenadora-geral de Promoção dos Direitos LGBT, da Secretaria dos Direitos Humanos (SDH).

São mostradas também as etapas que um trans passa para se sentir realizado fisicamente. Nos vídeos é esclarecido como realmente acontece o processo de redesignação sexual, que vai desde a aceitação do próprio transexual e de sua família em relação a sua identidade, como é mostrado na reportagem; passa pela hormonioterapia e cirurgia, explicados tanto na reportagem como no vídeo do Põe na Roda; até a mudança do nome civil pelo nome social, tema presente nos três vídeos. Na imagem abaixo observamos a cena em que a reportagem tenta conscientizar os transgêneros sobre a importância de se realizar a hormonioterapia com acompanhamento médico.



Cena de uma enfermeira aplicando uma dose de hormônios em Cristhian.

### c) Visibilidade do transgênero

Algo que podemos perceber desses vídeos é que tentam transmitir a ideia de que travestis e transexuais são seres que fazem parte da sociedade e não devem ser tratados como invisíveis. Nessas peças audiovisuais apresentadas, os transgêneros não são tratados como vítimas e sim pessoas fortes que, mesmo sabendo das dificuldades e preconceitos que enfrentariam, resolveram revelar sua verdadeira identidade. Para isso, eles usam imagens e relatos que os humanizam, seja de um parente, algum outro trans ou amigo antigo. O próprio espaço que lhes é dado nos vídeos, como personagens principais, já evidencia o propósito de transformar transexuais e travestis em fontes de credibilidade e respeito. Os vídeos procuram acabar com o senso comum e os estereótipos, para que se deixe de lado a ideia de que quem está errado é sempre quem está fora da normatividade considerada aceita pela sociedade.

## **4.6 ANÁLISE DE ETAPAS QUE FORMAM AS NARRATIVAS ESCOLHIDAS**

Neste tópico analisaremos duas etapas e os elementos que constituem essas narrativas, como elas são empregadas nas peças audiovisuais analisadas e qual a importância destas na construção das narrativas. Examinaremos a filmagem, a relação do texto com a imagem e a importância da edição final.

### a) Filmagem

Para produzir uma narrativa adequada, com coerência, relevância e sentido precisa-se começar, no caso de peças audiovisuais, com uma boa filmagem para que possamos transmitir o que desejamos. A partir disso percebe-se que os principais objetos das cenas são os personagens, hora meio cabisbaixos quando lembram das dificuldades passadas durante a transição, hora sorridentes quando estes mostram suas conquistas; objetos que reafirmam sua identidade de gênero, como o cobertor e os vestidos de princesa de Avery, ou a maquiagem de Valentina; os elementos que cercam a redesignação sexual, como as cicatrizes no corpo de Luciano, ou a injeção de hormônios em Christian.

Quando analisamos o local e o contexto que este tem, percebe-se que são lugares como as casas dos transexuais; ou locais de lazer, como a sauna no vídeo do Põe na Roda ou o parque frequentado por Laerte; ou lugares que fazem o tratamento de mudança de sexo, como o CRT e o SUS. Os dois primeiros locais foram conscientemente escolhidos pois transmitem a sensação de tranquilidade e conforto, e desta forma as pessoas ficam mais abertas a falar sobre si mesmas, além disso, eles novamente afastam o preconceito que transexuais são pessoas que ficam na rua para se prostituir. Os centros médicos, por sua vez, mostram o lado mais delicado da transexualidade, pois estes locais estão presentes para mostrar que o processo de transição não é simples e que deve ser feito com acompanhamento médico especializado.

Essa etapa se torna importante pois a imagem é a primeira a transmitir a ideia do produtor. Mota (2012) destaca que a cultura, ou seja, aquilo que pensamos sobre determinado assunto vem por meio dos sentidos, principalmente pelo olhar por este vir antes da palavra (2012, p.198). Então, uma boa filmagem se torna fundamental na transmissão do que foi visto e na formação de conceitos sobre determinado assunto.

### b) Relação entre texto e imagem

As narrativas audiovisuais dependem de uma relação coerente entre imagem e narração para fazer sentido para o telespectador. Célia Mota explica que:



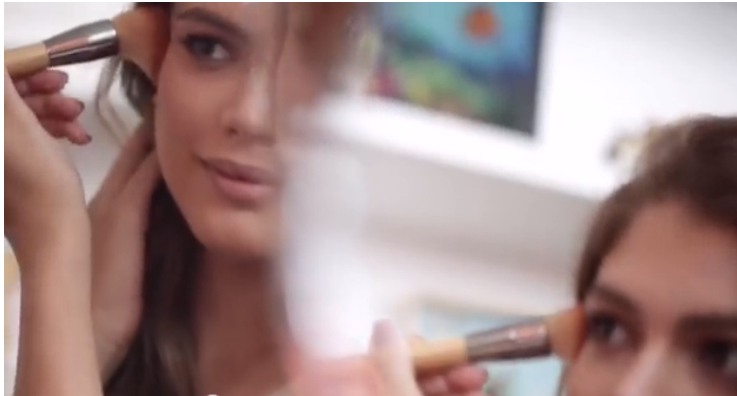
É por meio desta interação entre texto e imagem que se constrói a notícia do telejornal. É uma interação que será tanto mais completa se não forçar uma hegemonia do texto sobre a imagem, mas se trabalhar sob a forma de complementaridade. Ou seja, as imagens são uma fonte de inspiração para a construção verbal (MOTA, 2012, p. 207).

Mota afirma que a imagem é o referencial que constrói um determinado ponto de vista sobre a realidade:

Por isso, pode-se dizer que a narrativa da TV é uma narrativa híbrida, ou semiótica, onde textos, palavras, e imagens contribuem e reforçam um argumento principal. E terminam por se tornar referências históricas guardadas na memória coletiva. Nem sempre, porém, a imagem pode ser um indicativo referencial confiável (MOTA, 2012, p. 200).

Entendida a importância da imagem, conclui-se que o olhar do repórter e/ou do cinegrafista passa a ser fundamental pois é por meio dele que será transmitido para o telespectador o que foi visto. Os movimentos de câmera por eles realizados refletem o olhar que é dedicado a um determinado assunto e ajudam a construir a narrativa. Dentre os movimentos observados, acha-se necessário destacar os closes e os detalhes dados na reportagem e na propaganda. Mota destaca que “Quando usamos o close, estamos examinando um determinado objeto com mais atenção, estamos fixando o olhar” (MOTA, 2012, p. 208).

Os closes e os detalhes presentes na propaganda tentam reforçar a feminilidade da modelo, uma vez que focam o olhar em características consideradas femininas, como os cabelos longos, o busto, as pernas e a maquiagem no rosto da modelo. A propaganda busca com isso mostrar que os transexuais são mulheres tão femininas, ou homens tão masculinos, como as pessoas não trans da sociedade. As imagens abaixo mostra esses movimentos de câmera:



Close do rosto com maquiagem



Detalhe do secador: objeto usado em sua maioria por mulheres

Já na reportagem, os closes e detalhes são feitos para destacar as diferenças de como era cada transexual antes de revelar sua verdadeira identidade e como ele está agora. Além disso, também foram feitos detalhes e closes para dar destaque as consequências de um tratamento clandestino em Luciano, mostrando como seu corpo ainda tem as marcas da cirurgia; e para mostrar como acontece o processo de redesignação sexual em Christian, quando é filmado o binder, o colete elástico que ele usa para esconder os seios, e ele levando uma injeção de hormônios.

Porém, a imagem sozinha não consegue passar a mensagem completa. A congruência entre imagem e texto também se torna fundamental para uma narração coerente, pois esta é fruto de uma apuração e seleção de imagens de acordo com o contexto do que é noticiado. “O recurso da imagem parece ser a prova definitiva, insofismável, do discurso político que se constrói em torno da cena. É um discurso, porém, que apaga circunstâncias, personagens ocultos, épocas” (MOTA, 2012, p. 200- 201). A partir disso, conclui-se que esses materiais audiovisuais acrescentaram o discurso para que as imagens não ficassem à mercê de várias interpretações,

evitando confusão. Pensando nisso, os vídeos buscaram dar visibilidade e voz aos trans ao entrevistá-los, para que pudessem esclarecer quem eles são e tudo que os cerca. Além disso, quebraram com a imagem de que os transgêneros são homens maquiados que vivem no mundo da prostituição e das drogas. Portanto, nos materiais audiovisuais apresentados a relação texto/imagem demonstra que o texto e a imagem estão quase sempre de acordo, pois estão quase sempre se explicando ou complementando.

Essa etapa nos mostra a importância das imagens na construção de um vídeo, que junto com um texto possuem o poder de mudar o pensamento do senso-comum, e a partir disso podem começar a mudar uma cultura de preconceito contra o que é considerado fora da normalidade social.

#### c) A importância da montagem final

A montagem final é responsável por escolhas, cortes, sincronia entre a imagem e o texto e produção final do vídeo. Mota descreve a montagem final como sendo a responsável pela forma como vamos interpretar as imagens representadas:

A montagem final vai adequar todos estes elementos, definindo que imagens ilustram narrativas verbais, como usar os depoimentos dos personagens, e que trechos das imagens podem ficar apenas com sua sonoridade particular. [...] uma imagem é verdadeira ou mentirosa não devido ao que representa, mas devido ao que nos é dito ou escrito sobre o que representa (MOTA, 2012, p. 207).

Essa etapa se torna importante, pois uma imagem depende da narração que é colocada sobre ela, por isso dependemos da mediação de repórteres, apresentadores, cinegrafistas, diretores e editores para compreender e interpretar o que está sendo transmitido. É a partir da edição final que se trilha qual caminho aquele vídeo vai seguir, o que será transmitido, quais serão seus objetivos e qual o público alvo a ser atingido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos vídeos estudados podemos perceber que a ruptura com o discurso padrão da mídia quanto ao grupo T aconteceu, mas que ainda pode ser aprofundada. Quando propusemos pensar este tema, acreditávamos que a grande mídia tratava os transgêneros em matérias que as vinculavam ao universo da prostituição e da violência e que mesmo nas narrativas que tentavam mudar isso a representação ainda não acontecia. Após uma investigação mais aprofundada, achou-se materiais que conseguiram representar pelo menos parte do que vem a ser o mundo trans. A partir daí foram escolhidos três materiais midiáticos com fins diferentes, uma reportagem, uma propaganda e um vídeo de entretenimento que atingiram esse objetivo.

O universo da prostituição e das drogas foi associado aos transexuais e travestis somente uma vez no vídeo do Põe na Roda, mas não igualando os trabalhadores da noite aos transgêneros e sim para explicar que isso é uma consequência do preconceito vivido por eles. As peças romperam com a má representação dos trans na mídia de três formas principais.

A primeira foi usando o nome social ou o pronome em acordo com a identidade de gênero para se referir aos transgêneros, o que consideramos algo relevante, pois em programas policiais travestis e transgêneros muitas vezes são tratadas como “o homem” e “o travesti” quando se sentem mulheres, e é comum o uso do termo “nome de guerra” e outras expressões menosprezando o nome social, como se fosse apenas um nome sem crédito. Além disso, o uso da nomenclatura correta educa os telespectadores, que ao verem isso na TV podem passar a adotar o mesmo comportamento.

A segunda forma em que a ruptura é percebida é vermos que os vídeos tentam fazer um aprofundamento sobre o universo transexual. As peças audiovisuais procuram mostrar que o universo trans não é baseado somente em prostituição e drogas. Nos vídeos, nenhum personagem transexual vive nesse meio. Inclusive, é destacado que os transexuais ocupam cargos importantes ou possuem empregos com muita visibilidade. Nos vídeos também é esclarecido como realmente acontece o processo de redesignação sexual, e os riscos que cercam esse processo. Outro fator importante foi o cuidado para que não fossem feitas generalizações, e

mostrando que cada transexual tem comportamentos diferentes em relação a aceitação, a identidade, uso nome social, das perguntas que eram feitas, necessidade de redesignação, etc.

O último ponto a destacar foi a maior visibilidade dada aos transgêneros. O próprio espaço que lhes é dado nos vídeos, como personagens principais, já evidencia o possível propósito de transformar transexuais e travestis em fontes de credibilidade e respeito. Além disso, tentam transmitir a ideia de que travestis e transexuais são pessoas que fazem parte da sociedade e não devem ser tratados como invisíveis. As peças audiovisuais apresentadas tentam ainda mostrar os transgêneros não como vítimas, mas sim pessoas fortes que mesmo sabendo das dificuldades e preconceitos que enfrentariam, resolveram revelar a verdadeira identidade.

Somos apresentados a uma diversidade de personagens, conseqüentemente descobrimos a complexidade de tipos de indivíduos que existem na nossa sociedade. E isso é o primeiro passo para que a sociedade não ignore algo, e passe a trazê-los para a superfície do visível, deixando de excluir e isolar pessoas, o que rotineiramente acontece com transexuais e travestis. Essa inclusão social acaba por dar mais oportunidades de emprego e diminuir o preconceito e a violência contra essas pessoas.

Entendemos aqui que essas narrativas conseguem representar a realidade de um universo trans diversificado e complexo e tentam ao mesmo tempo incluir e dar visibilidade social para os transgêneros. Compreende-se a partir dos estudos de Moscovici e Mota, que a mídia tem um papel fundamental em como representamos e absorvemos a realidade ao nosso redor. Se incluirmos nos meios de comunicação de massa os diferentes tipos de indivíduos que existem na sociedade, esse comportamento pode ser incentivado para que outras pessoas também o façam. Por isso, podemos afirmar que as comunicações exercem um papel fundamental de mediadoras entre os universos representados em suas narrativas e o receptor, atuando de forma decisiva em como acontecem essas relações.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

CARTA CAPITAL. **O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho.** Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>. Acesso em: 8 mai. 2016.

CHOERI, Raul Cleber da Silva. **O Conceito de Identidade e a Redesignação Sexual.** Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

CHRISTIAN, Laville; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber.** Porto Alegre: ARTMED, 1999.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana.** São Paulo: Gente, 1994.

ESTADÃO. **Com adesão de 90%, Prefeitura estuda expandir vagas no Transcidadania.** Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,com-adesao-de-90--prefeitura-estuda-expandir-vagas-no-transcidadania,1727825>>. Acesso em: 8 de mai. 2016.

GRACIA, José Carlos. **Problemáticas da Identidade sexual.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

LAMAC. **A televisão, o meio mais influente na formação de opinião.** Disponível em: <<http://www.lamac.org/brasil/publicacoes/pesquisa/a-televisao-o-meio-mais-influente-na-formacao-de-opiniao/>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTA, Célia Ladeira. A narrativa semiótica da imagem. In: MOTA, Célia Ladeira et al (Org.) **Narrativas Midiáticas.** Florianópolis: Editora Insular, 2012. p.197-215.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Gênero é o maior motivo de discriminação nas escolas brasileiras.** Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/genero-e-o-maior-motivo-de-discriminacao-nas-escolas-brasileiras/>>. Acesso em: 8 mai. 2016.

PERES, Ana Paula Ariston Barion. **Transexualismo: o Direito a uma Nova Identidade Sexual**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

PORTAL BRASIL. **Cirurgias de mudança de sexo são realizadas pelo SUS desde 2008**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008>>. Acesso em: 12 mai. 2016

PORTAL BRASIL. **Televisão ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/televisao-ainda-e-o-meio-de-comunicacao-predominante-entre-os-brasileiros>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

STOLLER, Robert J. **A Experiência Transexual**. Rio de Janeiro: Imargo, 1982.

STOLLER, Robert J. **Masculinidade e Feminilidade**. Porto Alegre: ARTMED, 1993.

SUTTER, Matilde Josefina. **Determinação e mudança de sexo: Aspectos médico-legais**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1993.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Minorias Sexuais, Direitos e Preconceitos**. Brasília: Consulex, 2012.

WORDPRESS. **Representatividade trans na mídia**. Disponível em: <<https://percepcaocritica.wordpress.com/2015/06/04/representatividade-trans-na-midia/>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

YOUTUBE. **L'Oréal Paris - Toda Mulher Vale Muito**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QJc57eb46Ys>>. Acesso em: 14 abr. 2016

YOUTUBE. **Profissão Repórter - 18/11/2014 – Transexualidade**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d9xHzTeYguo>>. Acesso em: 14 abr. 2016

YOUTUBE. **TRAVESTIS NA TV - Sauna Justa: Travestis e Transexuais (parte 2)**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=muhsfV0xvVE>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

**APÊNDICE A - PROPAGANDA DA L'OREAL PARIS PARA O DIA DAS MULHERES NO ANO DE 2016**

**SONORA 1- MODELO VALENTINA:** BELEZA É ALGO QUE TRANSCENDE NOSSO CORPO, VEM DA ALMA. EU AMO SER MULHER. É MUITO BOM A GENTE SE ACEITAR, SE AMAR, RECONHECER O NOSSO VALOR. DIA DA MULHER? EU ACHO IMPORTANTE SIM. MAS NÃO PARA GANHAR FLORES. A GENTE QUER RESPEITO. ESSE É MEU PRIMEIRO DIA DA MULHER, OFICIALMENTE. TÔ PRONTA!

**ESCRITO:** VALENTINA É UMA MULHER TRANSGÊNERA. E ESTA É A FOTO DA SUA NOVA CARTEIRA DE IDENTIDADE. FINALMENTE COMO VALENTINA. 8 DE MARÇO. TODA MULHER VALE MUITO.



**APÊNDICE B - REPORTAGEM DO PROFISSÃO REPÓRTER 18-11-2014 –  
TRANSEXUALIDADE**

**ABERTURA**

**SONORA 1 – JAY BAKER:** OLHEM PARA MIM. EU ESTOU AQUI.

**OFF1- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** JEMIMA NASCEU MENINA.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** E AGORA?

**SONORA 2 – JAY BAKER:** EU SOU UM MENINO.

**OFF 2- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** LUCIANO NUNCA SE SENTIU MULHER.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** O SEU NOME DE REGISTRO, QUAL É?

**SONORA 3 – LUCIANO PALHANO:** ENTÃO, ESSA É UMA DAS PERGUNTAS, NORMALMENTE, QUE A GENTE NÃO FAZ PARA PESSOAS TRANS.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ESTÁ BOM.

**OFF 3- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** LAERTE, O CARTUNISTA. UM VELHO CONHECIDO MEU. HOJE, O REENCONTRO TRANSFORMADO.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** COMO VOCÊ ACHA QUE EU DEVO CHAMAR? A LAERTE OU O LAERTE?

**SONORA 4 – LAERTE:** COMO VOCÊ QUISER. COMO VOCÊ SE SENTIR MAIS À VONTADE.

**OFF 4 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** O PROFISSÃO REPÓRTER DE HOJE VAI FALAR DE TRANSEXUALIDADE NA INFÂNCIA, NA JUVENTUDE E NA FASE MAIS MADURA DA VIDA.

**OFF 5 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** CRIS NOS MOSTRA COMO É O “BINDER”, O COLETE ELÁSTICO QUE ELE USA PARA ESCONDER OS SEIOS.

**OFF 6 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** A TRANSFORMAÇÃO COM DOSES DE HORMÔNIO.

**SONORA 5 – CHRISTIAN HUGO:** EU NUNCA ME ACOSTUMEI MUITO COM MEU CORPO. TINHA ALGUMA COISA ALI QUE PRECISAVA MUDAR.

**OFF 7 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** OS RISCOS DE UMA CIRURGIA CLANDESTINA

**SONORA 6 – LUCIANO PALHANO:** ACONTECEU DO MAMILO NECROSAR.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** FOI UM RISCO TREMENDO NÉ, LUCIANO. VOCÊ PODERIA TER MORRIDO.

**OFF 8 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** OS PAIS DIANTE DE UM FILHO TRANSEXUAL.

**SONORA 7 – ROBIS:** SÓ NÃO ME APARECE DE BARBA, ELA FALA.

**SONORA 8 – ELIANE (MÃE DE ROBIS):** PARA ISSO EU ACHO QUE AINDA NÃO ESTOU PREPARADA 100 %.

**OFF 9 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** O NAMORO ENTRE OS TRANSEXUAIS.

**SONORA 9 – EDUARDA:** SÓ FAZ CARETA.

**SONORA 10 – EDUARDA:** NO MEIO TAMBÉM TEM ESSE PRECONCEITO, ENTENDEU.

### ***PRIMEIRO BLOCO***

**OFF 10 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** NOS VIEMOS ATÉ OS ESTADOS UNIDOS. ESSE AQUI É O ESTADO DO MAINE, BEM PERTINHO COM A FRONTEIRA DO CANADÁ. AGORA NÓS VAMOS CONHECER A FAMÍLIA DO JAY.

**OFF 11 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** FORAM QUATRO MESES DE CONVERSA, POR E-MAIL E TELEFONE, ATÉ CHEGARMOS AQUI. CLARA MORA

COM O MARIDO E OS QUATRO FILHOS. JAY FOI O TERCEIRO A NASCER E FOI O ULTIMO A APARECER NA SALA.

**SONORA 11 – CLARA BAKER (MÃE DE JAY):** APERTA A MÃO DELA, JAY.

**OFF 12 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** JAY NASCEU JEMIMA. UMA MENINA QUE DESDE OS DOIS ANOS COMEÇOU A FALAR PARA OS PAIS “EU SOU UM MENINO”. HOJE, ELE TEM QUATRO ANOS E MEIO.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** O JAY NÃO QUIS SABER DE PAPO COM A GENTE POR ENQUANTO.

**OFF 13 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** DURANTE O CAFÉ DA MANHÃ, CLARA DIZ QUE JAY COSTUMAVA ACORDAR CHORANDO E QUE TALVEZ ESSA SEJA UMA RECAÍDA.

**PASSAGEM – CINEGRAFISTA EMÍLIO:** VOCÊ NÃO QUER TENTAR SE APROXIMAR DE NOVO DELE?

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** ACHO QUE NÃO! AGORA NÃO.

**PASSAGEM – CINEGRAFISTA EMÍLIO:** MELHOR NÃO.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** ACHO QUE NÃO. A GENTE TEM QUE DAR UM TEMPO, SABE. ACHO QUE SEM FORÇAR.

**OFF 14 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** CLARA DECIDE CONVERSAR COM O FILHO SOBRE A NOSSA REPORTAGEM.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** ELA PERGUNTOU PARA ELE SE ELE SE SENTIA CONFORTÁVEL. QUE ELE FALASSE SOBRE A CONDIÇÃO DELE E ELE DISSE QUE NÃO.

**SONORA 12- JAY BAKER:** EU NÃO QUERO.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** É MUITO DIFÍCIL TOCAR NESSE ASSUNTO E A GENTE TEM QUE RESPEITAR O TEMPO DELE. SE ELE NÃO QUISE FALAR SOBRE ISSO NÃO TEM PROBLEMA.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** OLÁ LUCIANO, COMO VAI?

**OFF 15 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** LUCIANO É COORDENADOR DO INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSMASCULINIDADE.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** PARA ONDE A GENTE ESTÁ INDO AGORA LUCIANO?

**SONORA 13 – LUCIANO PALHANO:** ENTÃO, AGORA A GENTE ESTÁ INDO PRO CRT, QUE É O MAIOR SERVIÇO NO BRASIL, QUE ATENDE AMBULATORIAMENTE AS PESSOAS TRANSEXUAIS.

**OFF 16 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ELE VAI ME LEVAR PARA O ENCONTRO DE TRANSEXUAIS, EM UM CENTRO MÉDICO DE SÃO PAULO.

**SONORA 14 – LUCIANO PALHANO:** DIFICILMENTE A GENTE RECEBE CONVIDADOS. ENTÃO VAMOS VER SE TUDO BEM VOCÊ PARTICIPAR PELO MENOS COMO OUVINTE.

**SONORA 15 – FRANS AUGUSTO:** SOU FRANS AUGUSTO. TO NA IDADE DE QUARENTA ANOS. SOU CASADO HÁ QUATORZE ANOS.

**SONORA 16 – PARTICIPANTE 1 DO ENCONTRO NÃO IDENTIFICADO:** SOU HOMEM TRANSEXUAL.

**SONORA 17 – PARTICIPANTE 2 DO ENCONTRO NÃO IDENTIFICADO:** ESTOU INDO PRA MAIS CINCO PLÁSTICAS, AGORA DIA 18.

**SONORA 18 – PARTICIPANTE 1 DO ENCONTRO NÃO IDENTIFICADO:** ME RECONHEÇO HOMEM, ACHO QUE DESDE QUE EU NASCI.

**SONORA 19 – MARCÃO GARCIA:** SOU MARCÃO GARCIA, SOU PROGRAMADORA, TENHO 29 ANOS E ESSA É A MINHA VEZ AQUI NA ONG, NA CRT.

**OFF 17 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ESSAS RODAS FORAM MUITO IMPORTANTES PARA COMEÇAR A ENTENDER UM VOCABULÁRIO QUE É POUCO CONHECIDO PARA A MAIOR PARTE DA SOCIEDADE.

**SONORA 20 – PARTICIPANTE 3 DO ENCONTRO NÃO IDENTIFICADO:** POR ISSO QUE EXISTE O TERMO CISGÊNERO E O TERMO TRANSGÊNERO, TRANSEXUAL.

**OFF 18 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** CISGÊNERO É QUANDO A PESSOA NASCEU HOMEM OU MULHER, E ASSIM SE SENTE. E TRANSGÊNERO OU TRANSEXUAL, É QUANDO A PESSOA NASCE HOMEM OU MULHER, MAS SE IDENTIFICA COM O GÊNERO OPOSTO.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** UMA PERGUNTA: QUEM AQUI TA NA FILA PARA FAZER UMA CIRURGIA?

**SONORA 21 – PSICÓLOGA MARIA LÚCIA MACEDO:** ENTÃO O CRT, EM 2009, NÓS TÍNHAMOS AI UMA DEMANDA DE QUATROCENTAS POR QUINHENTAS PESSOAS NA FILA. HOJE, NÓS TEMOS UMA DEMANDA DE MAIS DE TRÊS MIL E DUZENTAS PESSOAS.

**OFF 19 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** EM MÉDIA, A ESPERA PELA CIRURGIA DE MUDANÇA DE SEXO FEITA PELO SUS É DE DEZ ANOS. POR ANO, SÃO REALIZADAS EM SÃO PAULO APENAS DOZE CIRURGIAS. A MAIORIA ACABA FAZENDO A TRANSIÇÃO DE MANEIRA CLANDESTINA.

**SONORA 22 – LUCIANO PALHANO:** TODO O MEU TRATAMENTO FOI CLANDESTINO. DESDE A HOMONIOTERAPIA, A CIRURGIA, NUNCA TIVE LAUDO. ISSO ACABA COLOCANDO, GRAVEMENTE, A NOSSA VIDA EM RISCO.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ESSA AQUI É A SUA CASA, LUCIANO?

**SONORA 23 – LUCIANO PALHANO:** NÃO, ESSA É A CASA DA MINHA NAMORADA.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** O SEU NOME DE REGISTRO, QUAL É?

**SONORA 24 – LUCIANO PALHANO:** ENTÃO, ESSA É UMA DAS PERGUNTAS, NORMALMENTE, QUE A GENTE NÃO FAZ PARA PESSOAS TRANS.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ESTÁ BOM.

**SONORA 25 – LUCIANO PALHANO:** SÃO COISAS QUE A GENTE PREFERE DEIXAR PARA LÁ.

**OFF 20 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** MAS LUCIANO CONCORDA EM ME MOSTRAR UMA FOTO ANTES DA TRANSFORMAÇÃO.

**SONORA 26 – LUCIANO PALHANO:** ESSA AQUI FOI NO DIA DA MINHA FESTA DE QUINZE ANOS, QUANDO EU ME OLHAVA POR DENTRO, ME SENTIA POR DENTRO, EU JÁ ME SENTIA UM MENINO, SABE! MAS EU NÃO DIVIDIA ISSO COM AS PESSOAS. MAS AI EU DESCOBRI, QUAIS ERAM AS CIRURGIAS, COMO SE CHAMAVAM ESSAS CIRURGIAS, QUAIS ERAM OS HORMÔNIOS QUE ERAM TOMADOS.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ISSO VOCÊ TINHA QUANTOS ANOS?

**SONORA 27 – LUCIANO PALHANO:** AI EU TINHA UNS DEZOITO PARA DEZENOVE ANOS, EU ACHO.A BARBA E O PEITO, NE. SÃO ASSIM AS DUAS COISAS QUE A GENTE TEM MAIS ANSIEDADE DE RESOLVER

**OFF 21 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** E ANSIOSO PARA SE LIVRAR DE VEZ DAS FAIXAS QUE USAVA DIA E NOITE PARA ESCONDER OS SEIOS, LUCIANO PAGOU SEIS MIL REAIS POR UMA CIRURGIA.

**SONORA 28 – LUCIANO PALHANO:** EU NÃO PODIA FICAR INTERNADO NO HOSPITAL PORQUE ERA UMA CIRURGIA NÃO LEGALIZADA. ACONCETEU DO MAMILO NECROSAR.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** FOI UM RISCO TREMENDO NÉ, LUCIANO? VOCÊ PODERIA TER MORRIDO.

**SONORA 28 – LUCIANO PALHANO:** SIM, SIM.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** AINDA PARA VER A CICATRIZ.

**OFF 22 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** ESTE ERA O LAERTE QUE CONHECI, TRINTA ANOS ANTES DE TER VIRADO MULHER. BIGODÃO, BARBA, APARECIA DE HOMEM SÉRIO. NA ÉPOCA, LAERTE ERA CARTUNISTA DE UMA REVISTA DE REPORTAGEM, INVENTOR DE TIRINHAS FAMOSAS, COMO PIRATAS DO TIETÊ.

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** CONHECI O LAERTE LÁ EM 1977, SE NÃO ME FALHA A MEMORIA. EU TE CONFESSO QUE EU NÃO SEI COMO ME APRESENTAR.

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** QUANTOS ANOS.

**SONORA 29 – LAERTE:** TUDO BEM?

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** TIAGO JOQUE, PARCEIRO QUE VEIO COMIGO.

**SONORA 30 – LAERTE:** OI, TUBE BEM?

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** COMO VOCÊ ACHA QUE EU DEVO CHAMAR? A LAERTE OU O LAERTE?

**SONORA 31 – LAERTE:** COMO VOCÊ QUISER. COMO VOCÊ SE SENTIR MAIS À VONTADE.

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** É?

**SONORA 32 – LAERTE:** É, EU NÃO TO CORRIGINDO AS PESSOAS, O QUE SAIR, SAIU. NÃO É GAFFE, NÃO HÁ PROBLEMA NENHUM.

**OFF 23 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** NESTA NOITE, LAERTE VAI PARTICIPAR DE UM DEBATE PARA FALAR DE SUA LUTA CONTRA A HOMOFOBIA. PRECONCEITO CONTRA GAYS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS. MAS NA HORA DE FALAR.

**SONORA 33 – LAERTE:** OBRIGADA. BOA NOITE, TODO MUNDO. EU NÃO TENHO MAIS NADA A ACRESCENTAR. SÉRIO. EU PEÇO DESCULPAS A VOCÊS.

**OFF 24 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** ELA PARECE TENSA. DESLIGADA DAS DISCUSSÕES E DAS PERGUNTAS DA PLATEIA.

**SONORA 34 – PARTICIPANTE DA PALESTRA:** QUERIA QUE VOCÊ COMENTASSE UM POUCO SOBRE O MOVIMENTO LGBT.

**SONORA 35 – LAERTE:** NÃO ESTOU CONSEGUINDO ME EXPRESSAR. DESCULPA, TÁ?

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** POSSO SABER POR QUE VOCÊ RESOLVEU NÃO FALAR!

**SONORA 36 – LAERTE:** EU NÃO RESOLVI NÃO FALAR. EU NÃO CONSEGUI FALAR.

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** O QUE QUE ACONTECE?

**SONORA 37 – LAERTE:** EU NÃO SEI. ACONTECE DE VEZ EM QUANDO. JÁ ACONTECEU ALGUMAS VEZ, EM PÚBLICO, MEU CÉREBRO ENCOLHE.

**PASSAGEM - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** EU ESTOU PROCURANDO AGENDAR OUTROS ENCONTROS COM O LAERTE. EU ME CONVIDEI PARA ME ENCONTRAR COM ELE NA CASA DELE. ELE DISSE QUE “ NÃO, NA MINHA CASA NÃO, EU TENHO UNS PROBLEMAS PSICOLÓGICOS QUE ME FAZEM EVITAR ENCONTROS LÁ.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** FUNCIONOU A GENTE CONVERSAR COM ELE SOBRE OUTRAS COISAS, QUE NÃO EXATAMENTE A QUESTÃO DELE.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** OI. ONDE EU DEVO SENTAR! AQUI!

**OFF 25 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** CLARA SE PREPARA PARA LEVAR OS FILHOS NO JOGO DE FUTEBOL DO IRMÃO MAIS VELHO.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** JAY ESTÁ SENTADO DO LADO DO EMÍLIO.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** VAMOS NOS AFASTAR UM POUQUINHO?

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** ELE NÃO QUER CHAMAR ATENÇÃO EU ACHO, SABE! É MUITO DELICADO. MUITO DIFÍCIL MESMO

**OFF 26 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** O IRMÃO DO JAY JOGA COM A CAMISA DEZENOVE. A FAMÍLIA DELE VAI AOS JOGOS DELE QUASE TODO FIM DE SEMANA.



**OFF 27 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** JAY COMEÇA A CHORAR E O PAI DECIDE IR EMBORA COM ELE.

**OFF 28 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** PERGUNTO AO CHRIS O QUE ACONTECEU COM O JAY! ELE DIZ NÃO SABER AO CERTO, MAS DESCONFIA QUE O FILHO DEVE ESTAR CANSADO DE IR SEMPRE AO JOGO DO IRMÃO.

**SONORA 38 – CHRIS BAKER (PAI DE JAY):** O JAY FICA FRUSTRADO FACILMENTE, NÃO SEI SE É POR QUE ELE NASCEU MENINA, MAS ISSO DEVE CONTAR BASTANTE. MAS NA MAIORIA DO TEMPO ELE É FELIZ.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** O JAY VAI MOSTRAR O QUARTO DELE PARA A GENTE.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** ELE ESTÁ ME EXPLICANDO QUE ESSA AQUI É A CAMA DELE E ESSA AQUI A DA IRMA DELE. A DELE É AZUL, DA IRMÃ É ROSA.

**OFF 29 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** PEÇO PRA JAY ME MOSTRAR OS BRINQUEDOS QUE GUARDA DEBAIXO DA CAMA.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** ELE TA DIZENDO QUE GOSTA MUITO DO BONECO. ELE GOSTA DA ROUPA QUE ELE VESTE, DO CORTE DE CABELO.

**SONORA 38 – CHRIS BAKER (PAI DE JAY):** EU TE AMO.

**PASSAGEM – CINEGRAFISTA EMÍLIO:** TODOS AMAM ELE E RESPEITAM MUITO A DIFERENÇA DELE.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** VOCÊ OLHA PRO JAY E VOCÊ NÃO DIZ QUE É UMA MENINA. SÓ QUE QUANDO ELE CRESCER VAI SER MAIS DIFÍCIL.

**OFF 30 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** NO BRASIL, SÃO POUCOS OS TRANSEXUAIS QUE CONSEGUEM FAZER A TRANSIÇÃO LEGALMENTE. CRISTIAN TEM 24 ANOS, E ESTÁ COMEÇANDO AGORA ESSE PROCESSO PELO SUS.

**SONORA 39 – MÉDICA NAILA SANTOS:** CRISTIAN. PRIMEIRA CONSULTA, NE! VOCÊ SE CLASSIFICA COMO HOMEM TRANS.

**SONORA 40 – CHRISTIAN HUGO:** EU NUNCA ME ACOSTUMEI COM MEU CORPO. EU SEMPRE OLHEI E PARA MIM NÃO FAZIA PARTE DE MIM, TINHA ALGUMA COISA ALI QUE PRECISAVA MUDAR.

**SONORA 41 – MÉDICA NAILA SANTOS:** VOCE QUER MUDANÇA DE NOME, SE FOSSE QUER CIRURGIA, O QUE VOCÊ DESEJA!

**SONORA 42 – CHRISTIAN HUGO:** SIM, EU QUERO FAZER O TRATAMENTO DE HORMÔNIO, AQUI NO AMBULATÓRIO, E MAIS PARA FRENTE, PORQUE ACREDITO QUE TENHA FILA, FAZER SIM A CIRURGIA.

**SONORA 43 – CHRISTIAN HUGO:** AI ELES INFORMARAM QUE PRECISAM DE UM LAUDO AQUI DO CRT.

**OFF 31 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** O LAUDO É FEITO POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE, E SERVE PARA CONFIRMAR A TRANSEXUALIDADE DE UMA PESSOA. ALÉM DE MODIFICAR O NOME NOS DOCUMENTOS, O LAUDO VAI PERMITIR QUE CRISTIAN ENTRE NA FILA PARA A CIRURGIA DE RETIRADA DOS SEIOS. O TRATAMENTO COM HORMÔNIO MASCULINO TAMBÉM PRECISA DE ACOMPANHAMENTO MÉDICO.

**SONORA 44 – MÉDICA NAILA SANTOS:** EU HOJE VOU TE PEDIR UMA SÉRIE DE EXAMES, MAS ESSE AQUI VOCÊ DÁ PARA OS MENINOS DO BALCÃO PARA FAZER OS ENCAMINHAMENTOS.

**OFF 32 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ANTES DO EXAME, CRIS NOS MOSTRA COMO É O “BINDER”, O COLETE ELÁSTICO QUE ELE USA PARA ESCONDER OS SEIOS.

**SONORA 45 – MÉDICA NAILA SANTOS:** OLHA ESSA TESTOSTERONA. VOCE DA UMA SEGURADA, SENÃO O FÍGADO NÃO AGUENTA.

**OFF 32 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** A PARTIR DE AGORA, CRISTIAN VAI TOMAR HORMÔNIO MASCULINO COM ACOMPANHAMENTO MÉDICO A CADA VINTE E UM DIAS.

**SONORA 46 – ENFERMEIRA ELIANA BARBOSA:** CRISTIAN, PODE VIR.

**OFF 33 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** NA SAÍDA, UM DESLIZE DA ENFERMEIRA.

**SONORA 47 – ENFERMEIRA ELIANA BARBOSA:** ESSES DIAS ELA VEM...

**SONORA 48 – CHRISTIAN HUGO:** ELE.

**SONORA 49 – ENFERMEIRA ELIANA BARBOSA:** ELA, DESCULPA, AI DE NOVO, DESCULPA. NÓS ESTAMOS AQUI TREINADOS REALMENTE, MAS DE VEZ EM QUANDO NOS FAZEMOS ESSA CONFUSÃO. PRINCIPALMENTE PORQUE VOCÊ TA COMEÇANDO O TRABALHO AGORA.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** FAZEM MUITO ESSA CONFUSÃO AQUI AINDA!

**SONORA 50 – CHRISTIAN HUGO:** O TEMPO TODO.

**SONORA 51 – CHRISTIAN HUGO:** LÁ FORA, EU ATÉ ENTENDO AS PESSOAS ME CONFUNDIREM, ÀS VEZES. EU ESTOU NO INÍCIO COMO VOCÊ DISSE. CHAMAR ELA, E TAL, MAS EU SEMPRE CORRIJO. AGORA AQUI DENTRO É UM POUCO CONSTRANGEDOR, PORQUE AS PESSOAS SÃO TREINADAS PARA ISSO.

**OFF 34 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** ENCONTRO O LAERTE NO CENTRO DE SÃO PAULO, EM UMA PRAÇA FREQUENTADA POR GAYS, BISSEXUAIS E TRAVESTIS.

**SONORA 52 – LAERTE:** OLHA A VERÔNICA.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** VOCE É A VERONICA! TUDO BOM!

**SONORA 53 – LAERTE:** É UMA QUERIDA, COMPANHEIRA.

**OFF 35 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** LAERTE E VERONICA SÃO ATIVISTAS DO MOVIMENTO LGBT QUE DEFENDE OS DIREITOS DE TRANSEXUAIS.

**SONORA 54 – LAERTE:** O SISTEMA MAL E MAL PREPARADO, DISPOSTO A ATENDER TRANSEXUAIS QUE QUEREM FAZER REDESIGNAÇÃO SEXUAL.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** POR QUE ESSE TERMO!

**SONORA 55 – LAERTE:** PORQUE NÃO É EXATAMENTE MUDAR DE SEXO.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** É DESENHAR DE NOVO O CORPO?

**SONORA 56 – LAERTE:** ISSO. É UMA REFORMA. UM PUXADINHO.

**OFF 36 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** NA INFÂNCIA, LAERTE GOSTAVA DE SER MENINO.

**SONORA 57 – LAERTE:** FOI LEGAL, FOI PRAZEROSA.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** QUE ERA?

**SONORA 58 – LAERTE:** ISSO, QUE ERA FAZER ESSAS COISAS DE MENINO, JOGAR FUTEBOL, TORCER PRA TIME, SAIR PARA CORRER, PULAR, BRINCAR, ESSAS COISAS.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** JOGAVA BEM?

**SONORA 59 – LAERTE:** JOGAVA COMO MENINA.

**OFF 37 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** LAERTE ESPEROU TRINTA ANOS E TRÊS CASAMENTOS PARA SE TORNAR UM TRANSGÊNERO.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** TE ACEITAVAM BEM?

**SONORA 60 – LAERTE:** SIM. EU NÃO ME ACEITAVA. PORQUE EU SABIA O QUE ESTAVA QUAL ERA A VERDADE. SABIA QUE NÃO ERA UMA COISA QUE EU TIVESSE PASSANDO, QUE NÃO ERA UMA ETAPA.

**PASSAGEM- REPÓRTER CACO BARCELLOS:** A GENTE ESTÁ PERCEBENDO AQUI QUE A NOSSA CONVERSA COM O LAERTE DESPERTOU O INTERESSE DE MUITA GENTE. PESSOAL AQUI ESTÁ PARTICIPANDO DA CONVERSA, FAZENDO PERGUNTAS DE MANEIRA ESPONTÂNEA.

**SONORA 61 – PARTICIPANTE DA CONVERSA NÃO IDENTIFICADO:** CONTRA O PRECONCEITO CONTRA OS HOMOSSEXUAIS, VOCÊ ACHA QUE ISSO DEVERIA VIR DE ESCOLA, COM A FAMÍLIA?

**SONORA 62 – LAERTE** VOCE NÃO SABE A DIFERENÇA QUE FAZ NA VIDA DE UMA PESSOA TER UMA FAMÍLIA QUE APOIA.

**OFF 38 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** QUATRO DE JULHO DE DOIS MIL E DOZE A MENINA JEMIMA TINHA SÓ DOIS ANOS. AINDA NÃO FALAVA, MAS JÁ MANIFESTAVA O DESEJO DE SER UM MENINO.

**SONORA 63 – CHRIS BAKER (PAI DE JAY):** ELE PODERIA TER ESCOLHIDO O DESENHO DE UMA FADA, UMA PRINCESA, MAS RESOLVEU SER UM PIRATA.

**SONORA 64 – CHRIS BAKER (PAI DE JAY):** ALI ESTÁ JAY, COM VESTIDO E CABELOS LONGOS.

**OFF 39 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** A MUDANÇA FOI GRADUAL E INTENSA. A COMEÇAR PELO NOME, QUE O PRÓPRIO MENINO ESCOLHEU.

**SONORA 65 – CHRIS BAKER (PAI DE JAY):** OLÁ JAY. NÓS ESTAMOS VENDENDO FOTOS SUAS, DE QUANDO ERA BEBÊ.

**OFF 40 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** CHRIS CHAMA JAY PARA VER AS FOTOS.

**SONORA 66 – JAY BAKER:** OLHEM PARA MIM. EU ESTOU AQUI!

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** SEU CABELO ESTAVA DIFERENTE.

**SONORA 67– JAY BAKER:** É, EU ERA UMA MENINA.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** E AGORA?

**SONORA 68 – JAY BAKER:** EU SOU UM MENINO.

**SONORA 69 – JAY BAKER:** QUANDO A GENTE TINHA O MESMO VESTIDO, LEMBRA?

**OFF 41 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** E O CHRIS ESTÁ ME DIZENDO QUE ELE ACHA QUE A ACEITAÇÃO FOI MUITO MELHOR PARA AS CRIANÇAS, MUITO MAIS FÁCIL EM UM PRIMEIRO MOMENTO PARA AS CRIANÇAS DO QUE PRA ELES, OS ADULTOS.

**SONORA 70 – CLARA BAKER (MÃE DE JAY):** ANTES QUE PUDESSE FORMULAR FRASES COMPLETAS, ELE DIZIA: EU MENINO.NOS RIAMOS OU FICÁVAMOS SURPRESOS. SO QUE ISSO MUDOU QUANDO O JAY NÃO PAROU DE CHORAR DURANTE TRÊS DIAS SEGUIDOS. CHORAVA PORQUE QUERIA

TER UM PÊNIS, E PORQUE QUERIA SER VISTO COMO MENINO, E MESMO ASSIM EU RESISTIA. QUERIA PROFUNDAMENTE QUE ELE FOSSE UMA MENINA. EU TINHA QUE ME ESFORÇAR, ENTENDER O QUE ESTAVA ACONTECENDO.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI: E AGORA?**

**SONORA 71 – CLARA BAKER (MÃE DE JAY):** VIMOS COMO ELE SE TRANSFORMOU EM UMA CRIANÇA MUITO MAIS FELIZ, E ISSO QUE IMPORTA.

**OFF 42 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** DURANTE QUARENTA DIAS AS OBRAS DE LAERTE COMO CARTUNISTA E ILUSTRADORA, GANHARAM UMA EXPOSIÇÃO AQUI EM SÃO PAULO VISITADA POR MAIS DE TRINTA MIL PESSOAS. A MILITÂNCIA TRANSGÊNERA DELA TAMBÉM PODE SER VISTA AQUI.

**SONORA 72 – LAERTE:** ESSE ME CONHECE A MUITOS ANOS.

**SONORA 73 – RICARDO PAOLETTI:** EU TENHO UM RETRATO AQUI, QUE QUANDO EU TE CONHECI VOCÊ ERA DESSE JEITO, QUER VER. ELE JÁ USOU BIGODE, JÁ USOU BARBA, TINHA O CABELO COMPRIDO. OLHA O BIGODAÇO DELE AQUI.

**OFF 43 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** PAOLETTI É UM AMIGO DOS TEMPOS DA FACULDADE E NA MILITÂNCIA NOS SINDICATOS.

**SONORA 74 – RICARDO PAOLETTI** TEVE UMA ÉPOCA QUE ELE SE CONCENTROU BASTANTE EM PERSONAGENS DESENVOLVIA. DEPOIS VEIO AQUELA COISA DOS PALHAÇOS, DOS PIRATAS, DEPOIS ELE FICOU SEM GRAÇA EM 2005.

**PASSAGEM – REPÓRTER CACO BARCELLOS: O QUE ACONTECEU?**

**SONORA 75 – LAERTE:** MORREU MEU FILHO, AI EU OU PARAVA DE DESENHAR OU RADICALIZAVA O PROCESSO DE MUDANÇA QUE EU JÁ VINHA FAZENDO.

**OFF 44 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** LAERTE PERDEU UM DOS TRÊS FILHOS EM UM ACIDENTE DE CARRO.

**SONORA 76 – CLAUDINEI FERREIRA:** ELE FAZ ESSE DESENHO DA TRANSFORMAÇÃO PARA O FILHO QUE MORREU.

**SONORA 77 – CLAUDINEI FERREIRA:** “EU DEI UMAS MUDADAS QUANDO VOCÊ MORREU.”

**OFF 45 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** CLAUDINEI FERREIRA É UM DOS ORGANIZADORES DA EXPOSIÇÃO QUE REÚNE DUAS MIL E SEM OBRAS DE LAERTE.

**SONORA 78 – CLAUDINEI FERREIRA:** ESSA É A TIRA DA TRANSFORMAÇÃO.

**PASSAGEM – REPÓRTER CACO BARCELLOS:** QUE ELE RASPA AS PERNAS, COMEÇA A VESTIR UMA ROUPA FEMININA.

**PASSAGEM – REPÓRTER CACO BARCELLOS:** AGORA ESSA MILITÂNCIA DE GÊNERO, NÃO SEI SE ESTOU EXAGERANDO, ELA NÃO TERIA TRAZIDO MUITA LUZ PARA O SEU TRABALHO? CONCORDA COM ISSO?

**SONORA 79 – LAERTE:** ACHO QUE SIM. ELA MOVIMENTOU TUDO, NE? É COMO PEGAR UMA COLHER E MEXER UM CALDEIRÃO.

**SONORA 80 – MULHER NÃO IDENTIFICADA PRESENTE NA EXPOSIÇÃO:** ELE E ELA, PORQUE É OS DOIS.

**SONORA 81 – LAERTE:** EU ESTOU TRAZENDO PROBLEMAS PARA AS PESSOAS. EU ENCONTREI UMA MENINA OUTRO DIA E ELA ESTÁ PROPONDO PRONOME, ILE. PARA SER UM PRONOME NEUTRO, DE GÊNERO NEUTRO. ILE FAZ, ILE CHEGOU, ILE GOSTA DISSO.

**OFF 46 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** NO PRÓXIMO BLOCO, A VIDA DE UMA CRIANÇA TRANSEXUAL CONTADA POR UMA MENINA DE SETE ANOS. A DIFICULDADE DE UMA MÃE DE ACEITAR A TRANSFORMAÇÃO DA FILHA.

**SONORA 82 – ROBIS:** SÓ NÃO ME APARECE DE BARBA ELA FALA.

**SONORA 83 – ELIANE DE OLIVEIRA (MÃE DE ROBIS):** PARA ISSO EU ACHO QUE AINDA NÃO ESTOU PREPARADA 100 %.

**OFF 47 - REPÓRTER CACO BARCELLOS:** O NAMORO ENTRE OS TRANSEXUAIS.

**SONORA 84 – EDUARDA:** SÓ FAZ CARETA.

**SONORA 84 – EDUARDA:** NO MEIO TAMBÉM TEM ESSE PRECONCEITO, ENTENDEU!

### **SEGUNDO BLOCO**

**OFF 48 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** DUDA TEM DEZOITO ANOS E COMEÇOU SUA TRANSIÇÃO AOS QUATORZE. ROBIS TEM VINTE E COMEÇOU MAIS CEDO, AOS ONZE. O CASAL TRANSEXUAL SE ENCONTROU NA INTERNET.

**SONORA 85 – EDUARDA:** GRUPO DE HORMÔNIOS NO FACE. QUE ONDE TEM TRANS HOMEM E TRANS MULHER, AÍ ELES POSTAM OS RESULTADOS DOS HORMÔNIOS, COMPARANDO O ANTES E O DEPOIS, FALANDO O QUE TOMA, ESSAS COISAS. AÍ EU POSTEI UMA FOTO LÁ, AÍ VEIO ELE. AI A GENTE COMEÇOU A SE FALAR, AÍ SE FALAVA TODO DIA, TODO DIA, TODO DIA. AÍ FOI CRIANDO UM AFETO.

**OFF 49 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** UM NAMORO QUE PARECE ESTRANHO ATÉ PARA ELES.

**SONORA 86 – ROBIS:** ELA NUNCA TINHA NAMORADO OU FICADO COM UM HOMEM TRANS E EU TAMBÉM NUNCA TINHA FICADO COM UM MULHER TRANS. FOI NOVO PARA ELA E PARA MIM TAMBÉM.

**SONORA 87 – EDUARDA:** PARA ELE, EU ERA UM HOMEM E PARA MIM, ELE ERA UMA MULHER. ASSIM, NO MEIO TAMBÉM TEM ESSE PRECONCEITO, ENTENDEU!

**SONORA 88 – ELIANE DE OLIVEIRA (MÃE DE ROBIS):** SE ALGUMA MÃE FALAR É FÁCIL, EU ME ACOSTUMEI. ME ENSINA A RECEITA, PORQUE EU COM DEZ ANOS NÃO ME ACOSTUMEI. VOU CHAMA-LO DE ELE NÃO, OU ILE, OU ROBIS.



**OFF 50 – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ESSA CONVERSA FOI NA CASA DA MÃE DE ROBIS. NESSE DIA CONHECEMOS A GISELE, A MENINA AJUDOU BASTANTE NESSE PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO. MAS DE VEZ EM QUANDO AINDA CHAMA O IRMÃO DE ELA.

**SONORA 89 – GISELA DE OLIVEIRA (IRMÃ DE ROBIS):** ELA QUE COMEÇOU A CONTAR AS COISAS PARA MIM PORQUE ELA NÃO TINHA CORAGEM DE CONTAR PARA MINHA MÃE. COMEÇOU A CONTAR AS COISAS PARA MIM PARA EU CONTAR PARA MINHA MÃE, PARA ELA FICAR MENOS 'NERVOSO'.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** E NA ÉPOCA VOCÊ TINHA O QUE, SEIS ANOS, SETE ANOS?

**SONORA 90 – ELIANE DE OLIVEIRA (MÃE DE ROBIS):** CINCO, SEIS ANOS. ASSIM NA VERDADE, O MEU PRECONCEITO ERA EU VOU SER JULGADA, QUE EU NÃO SOUBE EDUCAR, QUE EU NÃO SOUBE NADA. EU ESTAVA DIVORCIADA, QUE EU IA SER JULGADA PELO PAI, PORQUE ESTAVA CONVIVENDO COM UM MONSTRO DENTRO DE CASA, PORQUE ISSO ERA O QUE SE DIZIA NA ÉPOCA, MAS QUANDO EU VI A ACEITAÇÃO DELA FOI BOA, PARA MIM FOI MUITO MAIS FÁCIL. E DESDE MUITO PEQUENA ELA JÁ APRESENTAVA, TINHA DOIS ANOS E NÃO ACEITAVA QUE COLOCASSE SAIA, NÃO ACEITAVA O ROSA, BONECA, ERA SEMPRE CARRINHO, ERA SEMPRE BRINCAR NO CONDOMÍNIO, ERA SEMPRE BRINCAR COM OS MENINOS.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** VOCE TEM FOTOS? DESSA ÉPOCA, NÃO?

**SONORA 91 – ELIANE DE OLIVEIRA (MÃE DE ROBIS):** NÃO, ESTÃO TODAS DIGITALIZADAS.

**SONORA 92 – ROBIS:** JOGUEI TODAS FORA. É A ÚNICA.

**PASSAGEM – REPÓRTER DANIELLE ZAMPOLLO:** ESSA AQUI ERA VOCÊ, ROBIS, COM QUANTOS ANOS!

**SONORA 93 – ROBIS:** OITO.

**SONORA 94 – ROBIS:** SÓ NÃO ME APARECE DE BARBA, ELA FALA.

**SONORA 95 – ELIANE DE OLIVEIRA (MÃE DE ROBIS):** PARA ISSO EU ACHO QUE AINDA NÃO ESTOU PREPARADA 100 %. EU FALEI PARA ELA, EU PRECISO IR TRABALHANDO ESSE POUQUINHO AINDA DEVAGAR, NÃO ME COBRA, NÃO ME SUFOCA, DEIXA EU IR TRABALHANDO ESSE RESTINHO QUE AINDA FALTA.

**OFF 51 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** AVERY TEM SETE ANOS E MORA COM A MAE, O PAI E O IRMÃO NA CIDADE DE KANSAS, NOS ESTADOS UNIDOS.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** MOSTRAR O QUARTO DELA.

**PASSAGEM – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** VOCÊ GOSTA DA COR ROSA E ROXO TAMBÉM, EU VEJO.

**OFF 52 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** PERGUNTO SE ELA TEM ALGUM VESTIDO

**SONORA 96 – AVERY JACKSON:** NA VERDADE, TENHO VÁRIOS.

**OFF 53 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** DEBY CONTA QUE QUANDO AVERY TINHA CINCO ANOS QUANDO COMEÇOU A USAR VESTIDOS DE PRINCESA TODO DIA, NÃO OS TIRAVA NEM PARA DORMIR.

**SONORA 97 – AVERY JACKSON:** ME FORÇAVAM A USAR UMA FANTASIA DE HOMEM-ARANHA, MAS EU QUERIA UMA DE MENINA PORQUE GOSTO DE SER MENINA.

**OFF 54 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** DEBY MOSTRA UMA FOTO DE QUANDO AVERY TINHA TRÊS ANOS.

**SONORA 98 – DEBORA JACKSON (MÃE DE AVERY):** VESTÍAMOS NOSSOS MENINOS COM AS MESMAS ROUPAS.

**OFF 55 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** DESSA ÉPOCA SO O NOME PERMANECEU O MESMO.PERGUNTO A AVERY COMO FOI ESSA TRANSIÇÃO E ELA RESPONDE.

**SONORA 99 – AVERY JACKSON:** FOI DIFÍCIL DIZER PARA MINHA FAMÍLIA QUE EU ERA UMA MENINA. ACHEI QUE ELES IAM ME ABANDONAR. AGORA QUE SEI QUE ELES ME ACEITAM, POSSO SER QUEM EU SOU.

**SONORA 100 – TOM JACKSON (PAI DE AVERY):** O MELHOR QUE PODEMOS FAZER É AMÁ-LA INCONDICIONALMENTE. SE OUTROS PAIS, NA MESMA SITUAÇÃO, VIREM O AMOR QUE DAMOS AOS NOSSOS FILHOS PODEREMOS AJUDÁ-LOS A ABRIR SEUS OLHOS E SEUS CORAÇÕES.

**OFF 56 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** QUANDO AVERY COMEÇOU A SE COMPORTAR COMO MENINA A FAMÍLIA PERDEU MUITOS AMIGOS.

**SONORA 101 – DEBORA JACKSON (MÃE DE AVERY):** OS PAIS DAS CRIANÇAS FICARAM ASSUSTADOS, PORQUE NÃO SABIAM COMO EXPLICAR PARA OS FILHOS O QUE ESTAVA ACONTECENDO, E PARARAM DE FALAR COM A GENTE.

**OFF 57 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** POR ISSO DEBY RESOLVEU TIRAR OS FILHOS DA ESCOLA E ENSINA-LOS EM CASA.

**SONORA 102 – DEBORA JACKSON (MÃE DE AVERY):** AS ESCOLAS PÚBLICAS DAQUI NÃO SABEM LIDAR COM CRIANÇAS TRANSGÊNERAS.

**OFF 58 – REPÓRTER ELIANE SCARDOVELLI:** E AVERY MAIS UMA VEZ QUER PARTICIPAR DA CONVERSA.

**SONORA 103 – AVERY JACKSON:** NÃO POSSO IR NA ESCOLA NORMAL. QUANDO PASSEI A USAR ROUPAS DE MENINA ACHAVAM QUE EU ESTAVA ERRADA, QUE EU NÃO ERA NORMAL.

**SONORA 104 – DEBORA JACKSON (MÃE DE AVERY):** ALGUMAS PESSOAS DIZEM QUE DEUS COMETEU UM ERRO. NÃO ACREDITO NISSO, NINGUÉM É PERFEITO, E POR ISSO NINGUÉM PODE APONTAR O DEDO PARA MINHA FILHA E DIZER QUE ELA É UM MONSTRO. POSSO VER QUE MINHA FILHA ESTÁ FELIZ, QUE ELA NÃO DESEJA MAIS MORRER COMO MUITAS VEZES JÁ DESEJOU. ENTÃO COMO MÃE SEI QUE ESTAMOS FAZENDO A COISA CERTA.

**APÊNDICE C - VÍDEO DO CANAL DO YOUTUBE PÕE NA RODA - 13-08-2015**

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** EXISTE UMA IDADE IDEAL PARA SE COMEÇAR O TRATAMENTO HORMONAL? QUAL SERIA O IDEAL?

**PASSAGEM – NELSON SHEEP:** VOCÊS FAZEM NÉ?

**SONORA 1 - RENATA PERON:** EU NÃO FAÇO POR UMA QUESTÃO DE SAÚDE, QUE EU FUI AGREDIDA, NO OUTRO VÍDEO EU FALO SOBRE ISSO.

**SONORA 2 – SYMMY LARRAT:** EU ACHO QUE A IDADE CERTA É A IDADE EM QUE SE DESCOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO, SEJA ELA 7, SEJA ELA 20, SEJA ELA 30.

**PASSAGEM – NELSON SHEEP:** MAS ENTÃO, COMO UMA CRIANÇA DE 5 ANOS JÁ ENTENDE QUE ELA É TRANSEXUAL?

**SONORA 3 - LINDSAY LORRANE:** QUANDO EU ERA CRIANÇA EU ME VIA ASSIM. EU NÃO ME VIA FICANDO COM UMA MENINA, OU SIM BRINCANDO COM UMA MENINA. ENTÃO EU NÃO TINHA ESSA NECESSIDADE, MAS EU QUERIA ESTAR UMA SAIA, EU ACHAVA BONITO, EU QUERIA UM SAPATO, QUERIA FAZER A SOBRANCELHA.

**PASSAGEM – NELSON SHEEP:** O FELIPE POR EXEMPLO QUANDO ELE ERA CRIANÇA, ELE SE VESTIA DE MULHER. O QUE DIFERENCIA ESSA MESMA ATITUDE?

**PASSAGEM – FELIPE ABE:** ISSO EU POSSO TE RESPONDER. EU NUNCA ME ENXERGUEI COMO MULHER.

**SONORA 4 - RENATA PERON:** QUANDO EU ME DESCOBRI DIFERENTE E NÃO SABIA O QUE ERA IDENTIDADE DE GÊNERO, A PRIMEIRA QUE ME APARECIA NA MINHA FRENTE ERA A ROBERTA CLOSE. AÍ EU DIZIA: ENTÃO É ISSO EU SOU TRAVESTI. PORQUE AQUILO ERA O QUE MAIS SE

APROXIMAVA DE MIM, DA MINHA IDENTIDADE FEMININA, ENTÃO EU DIZIA ISSO. FOI PASSANDO O TEMPO E EU FUI CONVIVENDO COM TRAVESTIS E EU FUI DIZENDO NÃO EU NÃO SOU TRAVESTI, AI MEU DEUS O QUE EU SOU?

**SONORA 5 - RENATA PERON:** EU LI UMA VEZ EM UMA MATÉRIA, FOI A NOSSA AMIGA QUE FEZ, ENALTECENDO A HISTÓRIA DO SÍLVIO SANTOS COM RELAÇÃO A TRAVESTIS E TRANSEXUAIS.

**SONORA 6 - RENATA PERON:** EU TENHO AS MINHAS RESSALVAS, PORQUE? OK, NÓS APRENDEMOS A VIVER E CONVIVER, VENDO TRAVESTIS NA TELEVISÃO, MAS NOS NÃO TÍNHAMOS IDENTIDADE POLÍTICA SUFICIENTE PARA DIZER QUE AQUILO, AJUDOU A GENTE A SER MAIS RESPEITADA OU MENOS RESPEITADA DO QUE A CONSCIÊNCIA QUE EU TENHO HOJE.

**SONORA 7 – SYMMY LARRAT:** TEM O LADO BOM, DE SER QUE MUITAS CRIANÇAS VIAM AQUILO E SE IDENTIFICAVAM COM AQUILO, E TEM O LADO RUIM, DE REFORÇAR O PEJORATIVO, DE QUE OU VOCÊ É AQUILO E VOCÊ IA FAZER SHOW.

**PASSAGEM – NELSON SHEEP:** MAS SERÁ QUE ELE TAMBÉM NÃO É VÍTIMA DESSA FALTA DE INFORMAÇÃO?

**SONORA 8 - RENATA PERON:** NÃO É SABE PORQUÊ? PORQUE ELE CONTINUA FAZENDO ISSO ATÉ HOJE. ELE PODERIA TER MUDADO. ELE AINDA CHAMA A LEO LACRA DE O LEO.

**SONORA 9 - LINDSAY LORRANE:** MAS AS PESSOAS PERMITEM ISSO. SE PERMITEM PASSAR POR ESSE PAPEL. POR EXEMPLO O PÂNICO ADORA FAZER TROLLAGEM.

**SONORA 10 – SYMMY LARRAT:** MUITAS MULHERES PARA CONSEGUIR ESPAÇO NA TV REBOLAM DE MAIÔ, MUITAS MULHERES SE SUBMETEM A

MUITAS COISAS PARA ESTAREM ALI. ENTÃO MUITAS TRANS TAMBÉM SE SUBMETEM PARA VER SE CONSEGUEM, COM A INOCÊNCIA, DE QUE VÃO CONSEGUIR ESPAÇO.

**SONORA 11 - RENATA PERON:** EU SOU UMA PROFISSIONAL, MEU NOME É RENATA. VOCÊ FAZ O QUE? EU SOU CANTORA DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, PONTO. AH VOCÊ É TRAVESTI? ISSO NÃO IMPORTA. VOCE É TRANSEXUAL? IMPORTA SE FOR NO SENTIDO POLÍTICO DE UMA HISTÓRIA, MAS EM UMA COISA PROFISSIONAL, SE ELE É GAY, SE ELE NÃO É GAY, SE ELE É PAM, TRI.

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** TODA TRANSEXUAL QUE ESTIVER ASSISTINDO ISSO AQUI, A PARTIR DE AGORA, SE ALGUM APRESENTADOR FALAR VOCÊ É HOMEM OU MULHER? VOCÊ FAZ ASSIM “E VOCÊ É HÉTERO, VOCÊ É BI?

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** “EU QUERIA FAZER UMA PERGUNTA PARA O AUDITÓRIO, COMO É QUE ESTÁ O PROGRAMA DE HOMOFOBIA? TRANSFOBIA EU DEVIA TER FALADO.

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** AGORA UMA QUESTÃO MUITO IMPORTANTE, QUE É A QUESTÃO DO NOME CIVIL, DO NOME SOCIAL. COMO ESTÁ, SYMMY, ESSA QUESTÃO NO BRASIL?

**SONORA 12 – SYMMY LARRAT:** O BRASIL PADECE DE UMA LEI NACIONAL QUE GARANTA O USO DO NOME SOCIAL, OU A POSSIBILIDADE DE EU TER MEU NOME CIVIL DE ACORDO COM A MINHA IDENTIDADE. HOJE, AS PESSOAS, AS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS QUE QUEREM FAZER A MODIFICAÇÃO DE NOME, ELAS DÃO ENTRADA NA LEI DE REGISTRO E ALEGA UM CONSTRANGIMENTO PARA PODER TROCAR DE NOME.

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** VOCÊ ACHA QUE OS JUÍZES TENDEM A ACEITAR ESSE TIPO DE PEDIDO, HOJE EM DIA, OU AINDA É DIFÍCIL.

**SONORA 13 - LINDSAY LORRANE:** DEPENDE DA VARA QUE VOCÊ FOR.

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** AGORA VAMOS PARA VERDADE OU MITO.

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** ISSO AQUI É MUITO CHOCANTE, A EXPECTATIVA DE VIDA ENTRE AS TRANSEXUAIS É DE 36 ANOS, CONTRA 73 ANOS DO RESTANTE DA POPULAÇÃO. ISSO É VERDADE?

**SONORA 14 - RENATA PERON:** INFELIZMENTE É VERDADE

**SONORA 15 – SYMMY LARRAT:** SÃO PESSOAS QUE SAEM MUITO CEDO DE CASA, QUE POR CONTA DISSO PRECISAM SOBREVIVER, ACABAM ENCONTRANDO A PROSTITUIÇÃO COMO ÚNICA ALTERNATIVA, E QUANDO ELA ENCONTRA ISSO COMO UM CAMINHO, ELA ENCONTRA TUDO QUE ESTÁ EM VOLTA, TEM O LANCE DAS DROGAS, TEM O LANCE DA MAIORIDADE, MAS TAMBÉM TEM O LANCE DO SILICONE, QUE AS PESSOAS USAM SILICONE INDUSTRIAL.

**PASSAGEM- PEDRO MENDES:** SÃO MUITAS QUESTÕES, NÉ. É A VIOLÊNCIA NAS RUAS, É A SAÚDE, PRINCIPALMENTE NA QUESTÃO DA READEQUAÇÃO DO CORPO.

**PASSAGEM – NELSON SHEEP:** E COMO A GENTE RESOLVE ISSO?

**SONORA 16 – SYMMY LARRAT:** INCLUIR ISSO NO DEBATE DA EDUCAÇÃO. NÃO TEM QUE TER UMA MATÉRIA SOBRE ISSO, MAS EU TENHO QUE MUDAR MEU CONCEITO QUANDO EU FALO. PORQUE QUANDO EU VOU FALAR EM UMA MATÉRIA DE MATEMÁTICA EU FALO “JOÃO CASADO COM MARIA” PORQUE EU NÃO POSSO FALAR “JOÃO CASADO COM JOÃO”? QUANDO EU FALAR EM ANATOMIA, PORQUE EU NÃO POSSO FALAR QUE MARIA TAMBÉM PODE TER PÊNIS? É POLÍTICA PÚBLICA E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE.

**SONORA 17- RENATA PERON:** E ISSO QUE A GENTE ESTÁ FAZENDO AGORA, A GENTE BRINCA, MAS ISSO É MUITO LEGAL. SOBRETUDO, NO

PROGRAMA PÕE NA RODA QUE A GENTE SEMPRE CRITICOU, FALANDO QUE ERA UM PROGRAMA PRECONCEITUOSO.

**PASSAGEM PEDRO MENDES:** DEIXA EU APROVEITAR ESSE MOMENTO, QUE EU QUERIA APROVEITAR QUE EU ESTOU NA PRESENÇA DE TRAVESTI E TRANSEXUAL PARA PEDIR DESCULPAS POR ISSO, PORQUE A PIADA QUE EU FIZ, QUE EU ESCREVI DA GLORINHA, A GENTE ESTAVA ZOANDO O MEU PRÓPRIO PÊNIS, A PIADA ERA COM ISSO.

**SONORA 18 – SYMMY LARRAT:** ACHO QUE É IMPORTANTE DIZER QUE A PESSOA AS VEZES ELA ERRA POR DOIS MOTIVOS. UM: POR IGNORÂNCIA. NÓS VIVEMOS TÃO NO GUETO, MAS TÃO NO GUETO, A SOCIEDADE NÃO DEIXA A GENTE APARECER, QUE É NATURAL QUE A PESSOA FALE ALGUMA COISA POR NÃO SABER, POR NÃO CONHECER ESSE UNIVERSO. ENTÃO POR IGNORÂNCIA, NÃO É PORQUE A PESSOA TEM RAIVA, É IGNORÂNCIA. QUAL NOSSO PAPEL? CORRIGIR. “OLHA NÃO FAÇA MAIS ISSO”, PRONTO. AGORA PRECONCEITO NÃO. VOCÊ FAZ COM A MALDADE, VOCÊ FAZ PARA OFENDER, PARA HUMILHAR. ENQUANTO A GENTE NÃO DIFERIR O QUE É ISSO: O QUE É ÓDIO E O QUE É IGNORÂNCIA, A GENTE NÃO MUDA A SOCIEDADE NEM NÓS MESMOS NA NOSSA LUTA.